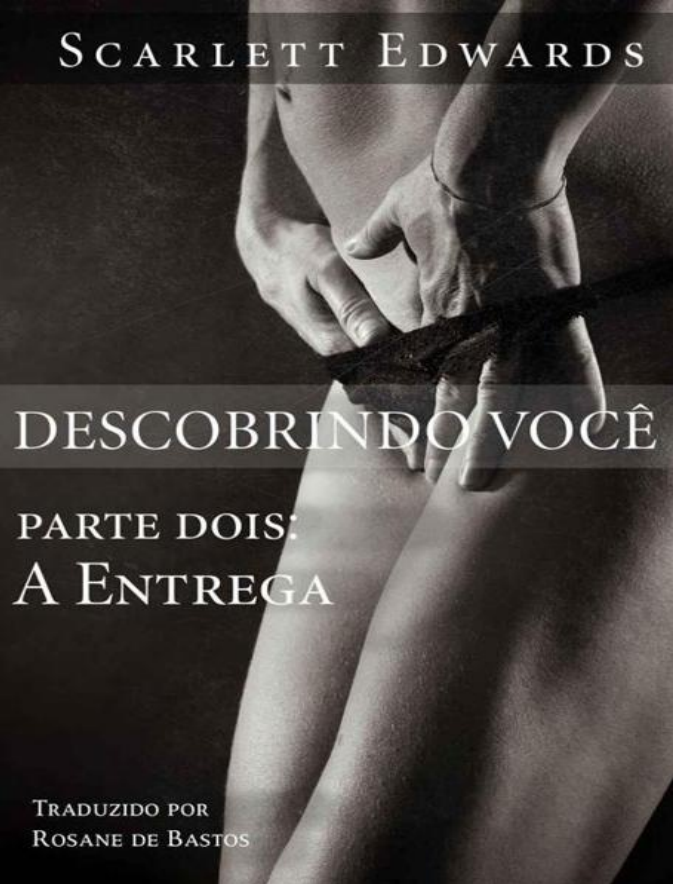




SCARLETT EDWARDS

DESCOBRINDO VOCÊ

PARTE DOIS:
A ENTREGA

TRADUZIDO POR
ROSANE DE BASTOS



Sumário

Descrição do livro:

Nota pessoal da autora:

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Catorze

Capítulo Quinze

Fim

**Descobrimo Você [#3 foi lançado](#)
[\(em Inglês\) em](#) 10 de maio de
2014.**

**Lista de e-mails de novos
lançamentos.**

Este livro é uma obra de ficção.

Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos são frutos da imaginação da autora ou foram usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, locais ou eventos, é mera coincidência.

DESCOBRINDO VOCÊ #2: A

entrega

Direitos autorais © 2014 Edwards

Publishing, Ltd.

Todos os direitos reservados.

Editado por Gail Lennon.

Capa de Scarlett Edwards.

Ilustrações de Scarlett Edwards.

Edwards Publishing

477 Peace Portal Drive

Suite 107-154

Blaine, WA 98230

A cópia eletrônica, a digitalização e a distribuição deste livro, em qualquer forma ou sob qualquer meio ---, inclusive, mas não apenas limitado a meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outra forma ---, sem a permissão do detentor dos direitos autorais, são ilegais e estão sujeitas às penalidades da lei. Por favor, compre apenas edições autorizadas desta obra e não colabore nem encoraje a pirataria

eletrônica de materiais protegidos por direitos autorais. Seu apoio à obra do autor é muito estimado.

ISBN: 978-0-9937370-2-2

Descobrimo Você #2

A Entrega

por Scarlett Edwards

Edwards Publishing

Descrição do Livro:

Sobrevivi ao pior. Saí da escuridão com a minha sanidade intacta.

Agora, vou conseguir saber quem é o monstro que está me prendendo aqui. Pela primeira vez, desde que o meu cativeiro começou, vou conhecer Stonehart.

Para qualquer coisa que ele queira,

estarei pronta. A coleira talvez esteja apertada no meu pescoço, mas não serei uma prisioneira.

Uma prisioneira não tem escolha.
Uma prisioneira não tem um propósito.

Mas, e uma concubina, tem? Ela sempre tem uma escolha.

E hoje, eu escolho lutar.

—

Descobrindo Você #2: A Entrega
continua a história iniciada em

Descobrendo Você #1: O Contrato. A obra contém cenas de intenso abuso físico e emocional. Leitores com sensibilidade a tais assuntos são aconselhados a prosseguir com cautela.

A história de *Descobrindo Você* se desdobra em múltiplos volumes de, aproximadamente, 125 páginas cada. Cada volume é uma história independente, com clímax e conclusão.

Os títulos da série *Descobrindo Você* são lançados, originalmente, em Inglês, a cada 20 dias. Aqui estão as datas programadas:

Atualmente Disponíveis:

Descobrindo Você #1: O Contrato

Descobrindo Você #2: A Entrega

Descobrindo Você #3 –

Resistência (ainda não traduzido para o Português)

Futuros Lançamentos em Inglês:

Descobrindo Você #4 - Maio 2014

Descobrindo Você #5 - Junho 2014

Nota pessoal da autora:

Olá pessoal!

Eu gostaria que vocês soubessem como foi importante para mim receber os excelentes comentários sobre o primeiro livro. Eu li com cuidado cada uma das observações postadas, e cada uma delas me ajudou a moldar a minha

escrita. A opinião do leitor é fundamental para mim, sendo eu uma contadora de histórias, para poder saber de que parte do que escrevi você gostou mais. Dessa forma, eu posso me esforçar para lhe brindar no futuro com uma história ainda melhor.

Infelizmente, aconteceu uma catástrofe com *Descobrimdo Você 1: O Contrato*. Na semana que antecedeu a publicação do livro, *Descobrimdo Você* foi banido do site da Amazon, em

virtude de um problema com a capa, que trazia nudez explícita. Sem nenhum aviso ou comunicado prévio, *Descobrendo Você 1* sumiu do Kindle Store.

Isso teve um efeito debilitante sobre os livros da série. Antes do lançamento havia um burburinho em torno da obra, quanto à sua divulgação e expectativa por parte do público, mas tudo isso simplesmente... se perdeu. Ninguém viu o primeiro livro, ninguém o comprou e

ninguém falou sobre ele. Não é possível manter o entusiasmo com algo que não existe.

Eu tentei manter o pensamento positivo. Depois de uma semana tumultuada, consegui descobrir o que estava acontecendo, mudar a capa, fazer o *upload* do novo arquivo no site, e ele apareceu (finalmente) disponível para venda. Isso só se resolveu ontem (19 de abril de 2014).

Mas, depois de ser esquecido por

uma semana, *Descobrimdo Você 1* estava inacessível. Já ouvi de muitos de vocês que encontrou o primeiro livro por meio do sistema de recomendação da Amazon. Esse tipo de descoberta só ocorre com livros que estão no auge das vendas... mas isso foi cortado pela raiz quando *Descobrimdo Você 1* foi retirado do site. Toda a energia incrível que você ajudou a construir com seus comentários e discussões apaixonados morreu prematuramente.

Por isso, faço um apelo sincero a cada um de vocês: se você gostou de *Descobrindo Você 1*... por favor ajude-me a espalhar isso entre as demais pessoas. Você pode, se preferir, guardar a sua opinião até terminar este livro. Se você odiar *Descobrindo Você 2*, esqueça esta mensagem. Mas se a história cativou você, se ela o entusiasmou e fez com que quisesse jogar o seu Kindle pelo quarto e cortar as bolas de um *certo* personagem...

então o seu apoio vai significar o mundo para mim.

Qualquer coisa que você possa fazer para informar os novos leitores sobre a série seria uma espécie de benção. Coisas simples ajudam. Se você tiver uma conta no Goodreads, recomende os livros (o 1 e o 2 – mas, especialmente, o 1) aos seus amigos. Envie um e-mail à sua irmã, mãe, prima, avó (bem... talvez não para a sua avó), que isso irá ajudar. Envie o link de

Descobrimo Você 1 para os conhecidos. Custa apenas \$0.99 e vou manter esse preço para sempre. Se puder enviar uma simples mensagem, como: “Oi, achei que você vai gostar desta série de livros”, isso é tudo.

Se você segue blogueiros especializados em livros, pergunte se podem postar uma mensagem sobre *Descobrimo Você*. Recomende os livros para eles. Diga-lhes que estou dando cópias gratuitas dos livros, se

eles enviarem e-mail para (scarlett@scarlettedwards.com). Crie uma postagem sobre *Descobrindo Você* no Facebook. Encoraje os seus amigos a lerem a série e eles poderão discuti-la com você. Fale sobre isso no Twitter. Faça o que mais você puder para poder ajudar a fazer *Descobrindo Você 1* renascer das cinzas.

Claro que não vou pedir a você que faça isso do fundo do seu coração. Se você fizer qualquer coisa para me ajudar

a espalhar a notícia sobre a série – e quero dizer, literalmente, *qualquer coisa* mesmo, ainda que seja enviando e-mail para apenas um novo leitor, é fantástico –, basta que você me envie um e-mail e me diga que fez isso. Em retribuição, enviarei uma cópia de *Descobrindo Você #3* antes da data de publicação. E de graça. E, provavelmente, vou acabar dando a você os demais títulos da série, tão logo estejam prontos.

Com carinho,

Scarlett Edwards

20 de abril de 2014.

(P.S.: Pessoalmente, achei que a capa original de *Descobrindo Você 1* soava misteriosa e artística... e, lendo os comentários, sei que vários de vocês compartilham comigo da mesma opinião. Mesmo assim, ela teve de ser mudada. Você pode ver a nova capa de *Descobrindo Você 1* aqui no site da Amazon:

<http://www.amazon.com/Uncovering-You-The-Contract-ebook/dp/B00JA3UH6K>

(P.P.S.: Nada disso vai afetar a série. Já escrevi os livros e vou me manter firme quanto ao meu cronograma de lançamentos a cada vinte dias. Você não precisa ficar preocupado quanto a isso. Mas, em nível pessoal... vendo tudo ir pelos ares dessa maneira, confesso que meu entusiasmo ficou prejudicado)

Capítulo Um

*(Dia de hoje. Duas semanas de
cativeiro.)*

Eu sinto a presença dele, antes de
ele falar.

“Muito bem, muito bem. Olhe para
você.”

A voz de Stonehart é inconfundível.
Rouca como o farfalhar de folhas secas,
e ainda mais forte do que a mais
poderosa ventania do Olimpo.

Minhas costas enrijecem logo que ouço o som dos mocassins que avançam pelo piso de mármore.

“Apresentável”, ele reflete.

Mantenho os meus olhos fixos na coluna na minha frente. “Limpa. Apesar de...”

Uma pausa. É preciso toda a força de vontade para não mover a cabeça.

“Lamentavelmente abatida”, ele conclui.

Minha mão se se fecha em punhos raivosos. É um golpe baixo.

Não tenho me visto no espelho há semanas. Mas posso imaginar como devo estar. Meu corpo inteiro está fraco, sem as curvas femininas que um dia ele possuiu. Posso ver os músculos elevados dos meus antebraços se moverem quando eu viro o meu punho. Posso sentir minhas costelas quando deslizo minha mão sob os meus peitos. Estou me tornando um esqueleto, privada de comida, calor humano, como uma boneca esquecida no sótão. Tudo

por causa dele.

E esse filho da puta tem o desplante de me chamar de *abatida*?

Me viro com muita raiva, preparada para falar um monte de obscenidades que venho guardando na minha mente todo esse tempo em que tenho estado como prisioneira—mas paro tão logo percebo que *ele* está a um passo de distância de mim.

Jeremy Stonehart é exatamente o homem de que me lembro.

Seus olhos negros, da cor de melanita, me encaram com uma intensidade penetrante. Uma barba delicadamente aparada, decorando suas bochechas, dá destaque à sua maxila proeminente e às maçãs do rosto angulares. Seu cabelo ondulado é descontraidamente arranjado em uma perfeição casual. Nem um fio sequer está fora do lugar.

Seu terno Armani de seda é feito sob medida para o seu corpo, como uma

segunda pele. A cintura tem um corte perfeito, os ombros são largos e estão em destaque. Eu tinha me esquecido de como ele era alto. Da última vez que o vi, eu estava usando saltos. Agora, com ele calçado e eu descalça, Stonehart se eleva acima de cima de mim como uma montanha ameaçadora.

“Ânimo”, ele sussurra. Seu dedo toca o meu pescoço, como se desenhasse uma linha. “Ombros para trás. Boa menina! Você quer parecer forte, não é?”

Ele zomba. “Eu sei tudo sobre aparências, *Lilly*.” A maneira como ele pronuncia meu nome me faz sentir suja, de alguma maneira. “E sei quanto pouco bem elas farão a você.”

Ele escapa. Eu quase caio para a frente, seja por impulso ou instinto, não sei. Então, me lembro da coleira no meu pescoço.

Olho para o chão e me dou conta de que estou bem próxima da linha fronteira, que não posso ultrapassar.

Eu cambaleio e, deseseperada, tento evitar o choque elétrico. Meu coração bate como um tambor.

Stonehart percebe. Ele olha para mim, olha para o chão, e então... sorri.

“Lilly”, ele diz. “Você não precisa ter medo. A partir do momento em que você assinou o contrato, você passou a ter direito a certos privilégios”. Ele pega o celular e lança um olhar para o teto. “Veja.”

Um toque com o dedo e ele desliga

todas as luzes. Eu posso vê-lo, seu corpo delineado pela luz da tela do aparelho. Ele aciona o telefone e uma estranha luz roxa e intensa, que eu nunca tinha visto, toma conta da sala.

Stonehart devolve o telefone ao bolso. A luz ultravioleta fez com que o branco dos seus dentes e olhos fosse a única coisa possível de ver quando ele fala. Isso faz com que ele se pareça com um ser sobrenatural.

“Olhe para o chão, Lilly. Você vê

algo incomum?”

Eu engulo a saliva antes de dizer:
“Não.”

“Não vê?”, ele parece indeciso.
Então, toca a cabeça de leve, um gesto
usado por quem acaba de se lembrar de
algo. “Ah, é claro!”.

Um sorriso malicioso revela
aqueles dentes brancos brilhando
quando Stonehart gira o telefone de
novo. Ele faz alguma coisa que não
consigo ver e, de repente, um fino

círculo vermelho corre na minha direção ao longo do chão. Ele para bem na minha linha fronteira.

“Você sabe o que é isso, Lilly?”

O tom de voz dele faz com que meu rosto fique vermelho. Eu não sei, mas não é difícil de adivinhar. Balanço a cabeça, me recusando a responder.

“Vamos”, Stonehart questiona.

“Esto certo de que você sabe. Dê uma olhada.”

Balanço minha cabeça com força,

em sinal de negação, fazendo meu cabelo cobrir os meus olhos. Retrocedo até que meus ombros toquem o feixe de mármore. Deve ser coisa da minha imaginação, mas o círculo vernelho parece estar pulsando, se estreitando e se expandindo cada vez mais lentamente sob a minha vista.

Meus dedos agarram a coleira. Tento arrancá-la, em desespero, mas sem resultado.

Stonehart estala a língua. A luz roxa

desaparece e, com ela, o círculo de laser. Todas as luzes acima de nossas cabeças se acendem.

“Lilly”, ele diz, “Venha aqui.”

Meus olhos se arregalam de medo quando olho para ele. Ele está além da linha fronteira.

“Não”, eu tomo fôlego.

“*Lilly!*”, ele esbraveja. “Eu já disse a você como odeio ter que repetir as coisas”. Ele move os olhos suavemente. “Ou será que você se esqueceu?”

Maldito seja! Eu pensei que esse jogo de poder acabaria quando assinei o contrato! “Não”, eu digo a mim mesma. “Mas não consigo. Estou tão longe disso!”

Um sorriso cruel se forma em seus lindos lábios. “Você está se recusando a obedecer?”

Balanço a cabeça. A coleira no pescoço se parece com um laço vivo. “Não consigo—você está longe demais!”

“Estou longe? Stonehart parece achar graça. Ele mantém as mãos para cima enquanto seus olhos seguem lentamente o caminho entre seus pés e os meus. “Não *parece* que eu esteja tão longe, parece? Não há barreira física bloqueando o nosso caminho.”

A bile sobe até minha garganta ao ouvir aquelas malditas palavras ditas em voz alta. *Não há barreira física.*

Ele dá um passo calculado em minha direção. “Lá”, ele diz. “Eu não

costumo ceder. Mas, por você, eu farei. Você diz que estou muito longe. Então, encurto a distância. “Seus olhos cruéis brilham. “Agora é a sua vez”.

Eu mal posso acreditar no que estou fazendo quando dou o primeiro passo na direção dele. Meu corpo treme de ansiedade. Um suor frio molha as minhas costas. Stonehart está em pé fora da minha linha limítrofe. Alcançá-lo significaria me submeter, voluntariamente, a um segundo, e

terrível, choque elétrico.

Mas se quero mesmo me vingar por tudo o que ele fez—e fará—fazer para mim, tenho que me submeter aos seus jogos.

Meus sentidos são aguçados, em antecipação ao primeiro sinal de alerta de que fui longe demais, enquanto caminho para a fente. Paro na linha limítrofe.

Ainda estou a quatro metros e meio de distância de Stonehart.

“Para mim, Lilly”, ele diz em voz baixa, ironicamente. “Quero você do meu lado.”

Eu cerro os dentes e forço a mim mesma a encontrar o seu olhar diabólico. “Não posso.”

“Não?”, seus olhos brilham. “Me diga por quê.”

“VOCÊ SABE O PORQUÊ, SEU FILHO DA PUTA!”, eu grito.

Minhas mãos se movem rápido para tapar minha boca quando me dou conta

do que fiz. “Perdão”, eu sussurro. “Eu
—”

Sou interrompida por uma repentina
e estrondosa risada.

“Então você tem uma chama acesa
dentro de você, apesar de tudo”, ele ri.
“Excelente. Eu sabia que a sua fachada
de fraqueza era falsa. Você, minha
querida, ainda não está acabada. Ou
está?”

Cinco rápidos e longos passos e ele
está sobre mim. Sua mão projeta o meu

queixo para a frente e o segura com força, pressionando-o. Meus lábios se contraem. Ele puxa a minha cabeça para cima e os meus olhos encontram os dele.

“Mas você estará acabada”, ele promete, com a voz suave e cheia de ameaça. “Você será domesticada e treinada segundo a minha vontade.”

Ele gira rápido e me deixa. O movimento brusco me faz cair sobre os joelhos. Eu grito quando eles batem com força no chão implacável.

Stonehart está de volta à sua posição anterior, com as duas mãos entrelaçadas atrás das costas. Seu rosto é impassível, não dando nenhuma pista do que acabou de acontecer.

Que tipo de homem é esse que controla sua emoções tão bem?”

“Agora, Lilly”, ele ordena. “Aqui do meu lado.”

Eu me levanto com as pernas bambas. Encaro Stonehart com toda a raiva que consigo reunir. Ele me olha,

os olhos brilhando, e o canto da sua boca se contrai enquanto sugere um sorriso.

Dou um passo vacilante para a frente e recuo, esperando pelo primeiro aviso de choque.

Eu abro um olho enquanto ele não vem. Stonehart inclina a cabeça em sinal de aprovação. “Mais perto.”

Fecho os olhos e tento não pensar sobre o pedaço de plástico preto que aperta o meu pescoço. Então, em um

rompante de estupidez, loucura ou desespero, me atiro para a frente, os pés batendo pelo chão.

Um aperto forte no meu braço me para no meio da corrida. Abro os olhos e vejo Stonehart sorrindo para mim. “Já é o suficiente. Você não deveria querer sofrer um outro acidente.”

Olho em volta, com olhos arregalados.”Você aumentou o limite”, respiro aliviada. Eu tento disfarçar a gratidão que parece surgir, rapidamente,

do nada.

“Eu lhe disse que sua assinatura lhe garantiria privilégios”, observa Stonehart. “Estou decepcionado com a sua falta de crença na minha palavra.”

“Eu pensei—”

“Lembre-se, Lilly”, ele me interrompe, “que as liberdades concedidas podem ser facilmente perdidas.”

Ele retira o telefone de bolso, toca a tela algumas vezes e a luz ultravioleta

reparece. O fino círculo vermelho se torna visível, a poucos centímetros de distância. Eu olho para aquilo horrorizada, sabendo o quão perto eu estive de ultrapassá-la.

“Esta é sua linha fronteira”, diz Stonehart. “Deixe-me demonstrar o significado das minhas palavras.”

Ele aperta um botão no aparelho telefônico. Imediatamente, o círculo começa a encolher. Eu olho perplexa, estupefata o suficiente para não

conseguir me mover.

“*Corra*”, ele sussurra.

Eu giro para trás e corro para a minha coluna. O círculo de laser belisca os meus calcanhares. Meu coração está disparado e sinto falta de ar quando minhas mãos encontram a fria pedra branca. A gargalhada de Stonehart ecoa pelo ambiente.

Volto para trás e estou com muito medo de encontrar o círculo ... sua linha fronteira inicial. Agora só restam três

metros. Cinco. *Três.*

Ele para a poucos centímetros dos dedos do meu pé. Me aperto contra o mármore o mais forte que posso. Não sou boba de acionar a coleira.

A gargalhada de Stonehart continua. “Você viu?”, ele dá uma gargalhada. “Estou *sempre* no controle da situação. Não esqueça isso, Lilly.”

O círculo vermelho que se aproximou de mim, desapareceu. Eu sequer o vi no chão novamente. A luz

ultravioleta se apagou e outras luzes
brilhantes apareceram.

Eu caio no chão. Minha roupa nova
está destruída, encharcada de suor.
Ponho a cabeça entre minhas pernas,
enquanto luto com a constant e
penetrante dor que vem quando o
ambiente muda de escuro para
iluminado.

Ouçõ os passos de Stonehart
enquanto ele caminha em círculo em
volta de mim. “Agora”, ele começa,

“nós temos que repassar as regras que regem o seu comportamento.”

Eu me esforço para abrir os olhos o suficiente para ver a expressão de triunfo nos olhos dele, pouco antes de ele se afastar do meu campo de visão. Mas me recuso a virar minha cabeça para segui-lo com os olhos.

Um dia, o farei pagar por isso,
prometo a mim mesma.

“Regra Número Um”, a voz de Stonehart é afiada e cortante. “Se você

resistir ou não cumprir uma cláusula estabelecida no contrato, você sofrerá a *consequência do mau comportamento*”.

A entonação faz o seu tom de voz extremamente ameaçador.

“Regra Número Dois. Você está expressamente proibida de qualquer forma de automutilação. Não terei você”— ele ri com escárnio, “—*destruindo* a si mesma.”

“Regra Número Três. Você está proibida de questionar os meus desejos.

Perguntas relacionadas à sua situação estão proibidas”. Ele se ajoelha na minha frente e sinto o cheiro do seu perfume. Pensar que isso uma vez funcionou como afrodisíaco é insano. “Você compreende, Lilly?”

Eu mordo a língua e assinto com a cabeça, evitando os olhos dele.

Stonehart se levanta. “Muito bom. Você não vai me considerar desproposital, desde que se comporte bem. Quaisquer pedidos que você tenha

serão levados em consideração. “Mas” —, ele fica mudo. “Não me teste”.

Eu resmungo e concordo com a cabeça, embora fazer isso fira o meu orgulho. Ele quer me ver acabada, então vou *agir* como se estivesse acabada. É a única chance que tenho de levar algum tipo de vantagem sobre ele.

Ele *tem* que me subestimar. Mas isso levará tempo.

“Regra Quatro”, Stonehart continua, dando passos lentos pelo ambiente, com

as mãos atrás das costas. “Sou um homem muito ocupado. Nem sempre terei tempo para você. Entretanto, você não tem nenhuma outra tarefa a não ser me agradar. Espero que você esteja *sempre* pronta para mim.”

Ele para e olha nos meus olhos. “Você compreende? O tempo que gasto com você é um privilégio. Considere isso dessa forma. Vista-se e aja de acordo.”

“Eu compreendo”, respondo. *Vista-*

se de acordo? Se eu nem mesmo tenho um guarda-roupa!

“Muito bem. Vou deixar para você as regras. Pense sobre elas. Sua cooperação resultará liberdades cada vez maiores. Vamos discutir a progressão delas da próxima vez que nos encontrarmos”. Ele caminha na direção da parede coberta de cortinas e corre uma mão para cima e para baixo no tecido opulento. “Por enquanto, deveria ser suficiente para você saber

que o limite da sua coleira foi ampliado para que possa alcançar todos os cômodos ligados a este. Você pode entrar em quaisquer portas destrancadas que encontrar.”

“Portas?”, pergunto, lentamente me levantando. “Que portas?”

Stonehart faz um gesto para trás, sem olhar para mim. “Alguns dos quadros que você vê escondem entradas para esse ambiente. Você encontrará um banheiro. Um toucador. Um *closet*.

Sinta-se à vontade para usar as instalações ao seu dispor”, ele dá uma risadinha. “Elas não estão lá para mim.”

Meu coração pulsa com a ideia de ter um banheiro. Um banheiro *de verdade*. Deve até haver um chuveiro!

O que significa não ter mais que usar penicos. Não mais banhos de esponja—não que eu tenha experimentado mais de um. Ainda assim, eu estava apreensiva com a ideia de a velha mulher voltar e me limpar

novamente. Foi humilhante.

“Eu emprego um cozinheiro profissional na minha casa”, continua Stonehart. “Ele está disponível para você. Passando através da porta, você encontrará uma pequena sala de estar. Há uma mesa e papel. Você pode anotar seus pedidos do que deseja comer e pô-los embaixo da porta trancada. Suas refeições serão racionadas para evitar que você aumente de peso, o que é sempre um risco após um período de

fome prolongada. Isso não significa que a seleção de comida será limitada. Você pode ter tudo o que desejar”. Ele se vira para mim e sorri. “Você vê? Não sou incapaz de compaixão.”

“Obrigada, Senhor Stone—”

“Jeremy”, ele corrige. “Você me chamará de Jeremy.”

Eu finjo um sorriso e faço um gesto ligeiro de reverência. A maneira como ajo está mais para deboche. “Obrigada, *Jeremy*.”

“Você é sempre bem-vinda, Lilly”.

Os olhos escuros de Stonehart brilham quando ele diz o meu nome. “Diga-me: Você alguma vez já se perguntou o que há atrás dessa longa cortina?”

“Todos os dias”, respondo.

Um sorriso se forma nos lábios dele. “Vou lhe mostrar.”

Stonehart dá um passo para trás e pega o telefone. Ele brinca com a tela por meio segundo. Então, ouço o som do aparelho.

Minhas mãos se lançam para o meu pescoço como por instinto.

Stonehart se dá conta e balança a cabeça. “Não, Lilly. Não é isso. É *isto*.”

De repente, a cortina maior começa a se levantar. Ela sobe por toda a dimensão maciça da parede. Atrás dela há uma cortina blecaute revestida de borracha, como uma enorme tela projetada. Ela permanece até a cortina atingir o teto.

Então, ela começa a seguir a outra.

E sobe bem devagar. Assim que vejo a luz do nascer do sol caindo sobre o piso, tenho um desejo irracional de chorar.

Atrás da longa cortina há uma parede de vidro maciço. Quando a cortina blecaute se levanta, a luz do sol inunda o ambiente. Quando o calor alcança minha pele, lágrimas se formam no canto dos meus olhos. Eu as limpo, com raiva e agradecida ao mesmo tempo.

A longa cortina atinge o ponto mais alto e as janelas que vão do chão ao teto brilham na luz. Além delas há uma vista estonteante, terminando em uma borda do penhasco que dá caminho para o oceano.

Stonehart traz o pulso a um pequeno sensor ao lado da única porta na parede de vidro. Justamente como no elevador há tanto tempo, ouço um *beep* e a porta é destrancada. Stonehart a abre para sair, mas para na soleira e olha de volta para

mim.

“Lilly”, ele diz, com a voz austera e séria. “Darei a você uma semana para voltar ao estado em que estava quando entrou na minha casa. Coma, durma e descanse. Você não tem deveres comigo pelos próximos sete dias. Neste momento, você está magérrima, miserável e nada atraente. Quando eu vê-la da próxima vez, espero ser saudado pela vibrante e jovem mulher que uma vez você foi.”

Dito isso, ele caminha em direção à luz.

Capítulo Dois

Espero por um longo tempo antes de recobrar minha coragem e testar minha nova fronteira. Eu espero sentir o alarme de choque a cada passo que dou além da minha linha limítrofe anterior.

Com esse tipo de precaução, levam-se uns bons cinco minutos para eu me arrastar até à parede de vidro.

Meus dedos tremem quando os repouso contra o vidro frio. A luz do sol

está tão brilhante. Tão quente.

Sopro no vidro para embaçá-lo e seco o ar embaçado com as costas da minha mão, só para ter certeza de que é verdade.

Tudo parece irreal nesse momento. Eu olho para o vidro que ficou para trás e tento envolver minha mente com tudo o que esteve escondido de mim essas poucas duas e tortuosas semanas. Esse lugar—meu lugar—fica dentro de uma propriedade construída na encosta de um

penhasco. A vista é suntuosa. Linda, uma rocha vermelha se estende por quase cem metros de onde estou e dá lugar a uma borda irregular, que forma uma queda enorme dentro do oceano.

O oceano. O oceano *Pacífico*, bonito e perfeito. Se respiro profundamente, quase posso sentir o cheiro picante e salgado, a névoa do mar — mesmo através do vidro. A água está calma hoje. Os raios vermelhos refletindo-a fazem com que ela se

pareça com uma piscina de rubis.

Eu me viro. A luz do sol que está enchendo o ambiente faz com que ele pareça mais hospitaleiro. É o suficiente para fazê-lo parecer mais um palácio do que uma masmorra.

Um palácio sem saída, lembro a mim mesma.

Assumidamente, sinto um pequeno pavor tendo que explorar o ambiente. Stonehart disse que os quadros cobrem as portas. Quero ver isso por mim

mesma.

Caminho pelo lado de fora da sala maciça, completando um círculo inteiro, enquanto arrasto uma mão pelas paredes. Depois de passar tantas horas atada à coluna, não tenho vontade de voltar para aquele lugar terrível.

Caminho até cada um dos quadros, examinando-os, um por um. Vejo as dobradiças sobre alguns deles, seguidas de uma trava do lado oposto. Eu as gravo na minha mente, mas não as abro.

Não ainda. Quero aproveitar cada segundo da luz do sol que eu puder.

Paro em frente à porta de vidro por onde Stonehart costuma sair. Ele me disse que posso passar por qualquer porta destrancada, não disse? E eu não saberei de que tipo *esta* porta é até que eu tente.

Não estou esperando por milagres aqui.

Minha mão toca a maçaneta. Eu a empurro para baixo. Ela não se move.

Eu sufoco a minha decepção. Eu sabia, bem lá no fundo de mim mesma, que esta porta estaria trancada. Somente o desespero me levou a esperar o contrário.

Eu posso ser várias coisas. Posso *encenar* um monte de coisas, para o alívio de Stonehart... mas *desesperada* é algo em que nunca posso me transformar.

Porque eu preciso ter a mente clara e estar lúcida para planejar minha

vingança.

Meu estômago ronca, lembrando-me de comida. Eu suspiro. Mesmo depois do banquete que a velha mulher trouxe para mim, meu corpo está gritando por comida. Minha próxima refeição não chega até amanhã de manhã. Ela me disse isso.

O que significa que tenho a noite inteira para explorar o ambiente.

Capítulo Três

Atrás do primeiro quadro há um pequeno corredor com duas portas ao final. Caminho bem devagar, sempre atenta para não acionar a minha coleira. Stonehart pode ter dito que eu poderia andar pela casa sem medo, mas posso realmente acreditar que ele diz a verdade?

A porta à minha direita abre para um banheiro majestoso. Azulejos

brilhantes cobrem o piso. Todas as peças são banhadas em ouro. Meus olhos param na banheira titular. Já está cheia de água. Eu mergulho minha mão e estou deleitada de encontrar a água aquecida.

Entrar em uma banheira é um privilégio que não tenho tido há anos. Fecho a porta por privacidade—e então tropeço quando vejo que não encontro nenhuma maneira de trancá-la.

É claro que você não pode trancá-

la, sua estúpida. Stonehart não deixaria você ir embora.

Um tremor corre pela minha coluna quando me lembro de suas palavras: “O tempo que tenho para você é um privilégio.”

Repentinamente, todo o desejo por um banho quente desaparece. Estou em vias de ser uma escrava sexual. Uma escrava sexual *mimada*, talvez, mas uma escrava sexual de qualquer jeito.

Estou a meio caminho fora do

cômodo quando mudo de ideia novamente. Stonehart disse que me deixaria sozinha por uma semana. Essa promessa me dá uma sensação de segurança, ilusória como deve ser. Eu não deveria temê-lo.

Você tem cinco anos para isso, uma vizinha me lembra.

Balanço minha cabeça. *Não. Não!*
Não tenho a intenção de deixar as coisas irem tão longe.

Reunindo toda a minha dignidade,

eu me dispo e escorrego dentro da água,
o queixo bem levantado. Eu mesma
empurro a porta aberta atrás de mim.

Não quero que Stonehart pense que
estou amedrontada.

Meus músculos rapidamente
relaxam dentro da água extremamente
agradável. Há um armário cheio de sais
variados, sabonetes e shampoos do lado.
A única coisa que falta é um espelho.

Uma hora ou duas horas mais tarde
—perdi a noção do tempo—saio da

banheira com uma toalha exuberante enrolada sob minhas axilas. Eu quase poderia imaginar que estou sozinha em uma portentosa suíte de hotel... não fosse pela coleira em volta do meu pescoço.

Odeio essa coleira. Odeio o que ela significa. Odeio o que ela pode fazer. Nunca deixarei de me lembrar que sou uma prisioneira.

Mas, por causa disso, nunca vou me esquecer do meu desejo de vingança.

A porta através do *hall* está fechada, mas não trancada. Eu rezo para que ela se abra lentamente—e sou saudada pela mais poderosa e incrível sala que meus olhos já viram.

A bancada de granito, que dá na altura da cintura, é guarnecida de produtos de beleza bonitos o suficiente para fazerem um maquiador corar. Fileira de batons de todas as cores povoam cada prateleira. Delineadores, sombras, cremes hidratantes, pós e todo

tido de acessório ocupam a outra. Todas são das marcas de beleza mais caras.

Se Fey visse esta sala, ela morreria da mais pura alegria.

Claro que há também um espelho. Vejo minha imagem refletida pela primeira vez em semanas. Mal posso reconhecer a garota olhando para mim.

Stonehart estava certo: estou horrorosa.

Minha pele está pálida pela falta de sol. Estou com olheiras. Minhas

bochechas estão afundadas e flácidas pela má-alimentação. Meus lábios, que sempre foram naturalmente vermelhos, tanto que nunca precisei de batom, agora estão cinza-pálidos. O brilho que havia nos meus olhos se foi, substituído por um vazio de vida.

Raiva queima dentro de mim. Tudo isso é direcionado a *ele*. *Ele* me fez assim. *Ele* é o motivo de eu estar irreconhecível. Viro de lado para me ver melhor. Estou tão magra que tenho

medo de que o mais pequeno sopro de vento me faça voar para longe.

Stonehart me deixou faminta, tirando tudo de mim e, ainda por cima, tem a ousadia de me chamar de *acabada*?

Calma, Lilly, a voz da consciência sussurra no meu ouvido. Não reaja às palavras dele. Elas têm o propósito de provocar você.

Relaxo as mãos, mas meus dedos não transportam sangue para a palma das mãos. A voz está certa. Não ganho nada

respondendo a ele dessa maneira.

Preciso manter minhas emoções sob controle. Mas não vou me esquecer de nada do que ele fez. Eu me vingarei e *vou* levar Stonehart ao chão.

Saio da sala de maquiagem sem tocar em nada. Não tenho vontade de me maquiar.

Além do mais, quero ter munição no caso de Stonehart descumprir sua palavra. Ele me disse que tenho sete dias para me cuidar. Se ele quebrar sua

promessa, e vier antes, não encontrará uma mulher em sua melhor forma.

Caminho de volta para onde está a coluna. Decidi chamar esta sala de a “sala do sol”, quando estava na banheira. Melhor do que chamá-la de prisão.

Faço um barulho incômodo na garganta após refletir sobre a palavra “prisão”. Prometi a mim mesma que não me referiria a nenhuma parte dessa condição pelo nome.

Não é que eu esteja tentando enganar a mim mesma. De modo algum. Quero evitar essa palavra para me manter no meu propósito.

Um *prisioneiro* não tem propósito.
Um *prisioneiro* não tem escolha.

Mas uma *concubina*, por outro lado, tem?

Além do mais, verdadeiramente: qual é a melhor forma de destruir alguma coisa—ou, nesse caso, *alguém*—do que a partir do seu

interior?

Stonehart tem seus próprios motivos para me manter aqui. Eu suspeito que ele vai mais fundo que os seus desejos mais básicos. Mas eu também tenho meus próprios motivos para ficar.

Boba! Não se trata apenas de achar que basta querer sair!

Balanço minha cabeça para silenciar essa voz. A única maneira de manter minha sanidade mental—a única maneira de ter alguma aparência de

controle—é me fazer acreditar que estou aqui por motivos próprios. Se eu realmente quero destruir as Indústrias Stonehart—e o homem junto com elas—preciso ser esperta. Preciso aguardar a minha hora. Preciso agradá-lo, parecer fraca e inofensiva e, acima de tudo, *não* parecer uma ameaça. Preciso que ele *pense* que está vencendo.

Porque no momento em que ele baixar a guarda...esse rato aqui vai se transformar e uma víbora.

Feliz com o meu plano de ataque, caminho até a varanda coberta e examino as áreas além dos demais quadros.

Encontro a sala de estar bem próxima. Ela tem uma pequena mesa e um banco, e junto deles uma porta trancada que eu imagino que seja monitorada do outro lado. Anoto meu pedido de café da manhã num pedacinho de papel e o empurro por debaixo da porta, do jeito que Stonehart me disse

para fazer.

Caminho de volta e vou até o último quadro. É inteligente, eu penso, a forma como o arquiteto foi capaz de disfarçar as entradas das portas com essas obras de arte. Julgando pelo que vi da estrutura, essa propriedade foi construída recentemente.

Eu solto a trava e empurro para abri-la, sem saber o que vou encontrar dentro...

Meus olhos vão longe e me esqueço

de respirar. Atrás do quadro número três está a maior sala de todas. Na verdade, ela deve ter o mesmo tamanho do meu apartamento em Palo Alto.

Caminho e olho, sem acreditar. Esta sala aqui é um *closet*. É totalmente abastecido, um *closet* gigante. Há mais roupas aqui do que você poderia esperar encontrar nas famosas lojas de departamento americanas Nordstroms ou Saks.

Uma parede é coberta de sapatos.

Há sapatos e sandálias, saltos e botas.
Há sapatos estilo oxford e plataformas,
alguns em couro legítimo, outros
cobertos com peles.

Peguei um par de forma aleatória e
os calcei. Ficaram perfeitos.

Vejo um rack de robes bem
guardados num canto. Tiro minha toalha
com pressa e corro em direção ao rack,
e visto o primeiro robe que encontro.
Ponho o majestoso tecido contra a minha
pele e respiro fundo, apreciando o

cheiro de limpeza e de tecido novo.

Sentindo-me pela primeira vez, em muito tempo, confortável e aconchegante, caminho vagarosamente entre os racks restantes. Corro minhas mãos pelas peças de roupas penduradas. Blusas, jaquetas, camisetas, vestidos, meias-calças, echarpes e um milhão de outras peças de roupa a encher o ambiente.

Todos eles são para mim.

Repentinamente, sinto náusea. O

closet tem só uma porta de entrada que eu possa ver. Só é acessível pela varanda.

O que significa que todas essas roupas estavam aqui *antes* de eu chegar.

Putá merda! Por quanto tempo Stonehart esteve planejando a minha abdução?

Um suor frio me chama a atenção e caio sentada. A assistente de Stonehart me disse, quando me ligou, que tinha andado procurando por mim. Eu

presumo o que ela quis dizer aquele dia, mas, e se a busca aconteceu por semanas? Meses?

As roupas confirmam que não sou uma vítima aleatória. Não. Estou paralisada no meio de uma teia desconhecida que Stonehart está construindo.

Mas por que eu? Eu mergulho no meu cérebro, mas não encontro resposta. Que tipo de interesse um homem da estatura de Stonehart pode ter por *mim*?

Não tenho mais ninguém na família a não ser minha mãe, e não tenho falado com ela há anos. Não tenho irmãs nem irmãos, nem primos, nem parentes distantes. Eu nem sequer tenho um namorado! Eu deveria ser completamente anônima no que diz respeito aos interesses de Stonehart.

Mas eu não sou. Por quê? Como? Quando ele começou a ter interesse por mim?

Não tenho a mínima ideia. Mas eu

prometo, por tudo que valha a pena, que *descobrirei*.

Eu volto para cima. As roupas me trouxeram uma incógnita para a qual não tenho resposta. Mas se há alguma coisa que eu tenho em abundância é tempo. Tempo suficiente para descobrir isso.

Um outro pensamento me aparece enquanto deixo o *closet*: *Não vejo nenhuma lingerie em lugar algum*.

Para mencionar mais uma particularidade do meu captor digna de

nota.

Capítulo

Quatro

Acordo na manhã seguinte com o sol raiando. Sentir os raios quentes no meu rosto depois de duas longas semanas no escuro parece surreal. Uma pilha de emoções cresce dentro de mim: alegria, descrença, entusiasmo.

Poucos minutos depois, me levanto e caminho até a sala de estar, seguindo o

cheiro de comida. Encontro uma quantidade generosa de tudo o que pedi, esperando por mim na mesa. Pego os pratos e volto para a varanda coberta, me sento perto do vidro e tomo meu café da manhã olhando para o majestoso oceano na minha frente.

Não tenho nada para fazer quando terminar de comer, por isso trouxe a toalha do banheiro e a estiquei no chão, sob o sol. Os raios do final de setembro não são tão fortes como eles teriam sido

poucas semanas atrás. Mas eu quero absorver o máximo de vitamina D que eu puder. Fazer isso sempre melhora o meu humor.

Enquanto repouso ali, reflito em como as coisas mudaram desde que assinei o contrato. Posso ter sido removida da minha condição de quase morta por apenas dois dias, mas já me sinto como uma mulher transformada.

É engraçado como um pouquinho de liberdade perseguida por levantar o

ânimo de uma pessoa.

Sim, é exatamente o que essa liberdade recém-encontrada é:

Perseguida. Não sou realmente livre.

Estou completamente sujeita às vontades de Stonehart.

Ele me deu sete dias para me recuperar. O que acontecerá depois, quando o contrato *realmente* acabar?

Fecho os olhos e respiro firme. Aconteça o que acontecer, vou enfrentá-lo, apoiada no meu propósito com um

punho de ferro.

Estarei pronta para ele quando ele chegar. E um dia ele aprenderá que escolheu a garota errada como seu brinquedinho.

Uma campainha soa atrás de mim, me deixando com os joelhos bambos. Me movo para trás e olho em volta, mas encontro a sala vazia.

Ela toca mais uma vez, o som vindo da parte de baixo do *hall* da sala de estar.

Curiosa, mas receosa, caminho bem devagar até a sala. Nunca ouvi aquela campainha antes e novas coisas no meu entorno devem ser tratadas com o devido respeito.

A meio caminho, o cheiro de morangos frescamente picados alcança o meu nariz. Corro em direção a eles e descubro um almoço esperando por mim.

Há uma tigela enorme de morangos, acompanhada de um grande copo de

água. O cheiro suculento das frutas é quase suficiente para me fazer chorosa novamente. Depois de ficar privada de comida por tanto tempo, cada refeição é uma benção.

Estou em processo de pôr a mão cheia de comida na boca quando me dou conta de um envelope posto embaixo do copo de água. Ponho os morangos de volta, sentindo uma sinistra ameaça crescendo no fundo da minha mente. Cuidadosamente, limpo minhas mãos

num pano e pego o envelope.

Há dois pedaços de papel dentro. Os dois estão dobrados, mas posso ver pela parte de trás. Um é escrito à mão. O outro tem um texto impresso.

Eu desdobro o escrito à mão primeiro.

Espero que você esteja gostando da sua comida hoje. Quero lembrar você de que a liberdade tem um preço.

Não negligencie a cláusula da forma do corpo estabelecida no nosso

contrato. Nada me irrita mais do que desleixo.

-J.S.

P.S.: Anexado você encontrará os resultados do meu teste de ontem de manhã. Espero que eles aliviem as suas preocupações persistentes.

PPS: Você deve saber que gravidez é inaceitável. Eu tomei a liberdade de pôr sua primeira pílula anticoncepcional no seu café da manhã de hoje. As outras serão dadas a você

juntas. Espero o pleno cumprimento desta parte.

Eu olho para o bilhete sem acreditar. O filho da puta me drogou—de novo! Não é só a medicação que me chateia. É o *ato* de fazer isso. O que mais ele tem posto escondido nas minhas refeições?

Eu amasso o bilhete e o jogo contra a parede oposta. Meu apetite pelos morangos passou. Na verdade, em um gesto de ódio, jogo no chão tudo o que

estava na mesa—morangos, tigela, tudo. O prato e o copo de vidro atingiram o piso e se quebraram.

Eu salto da banquetta e saio da sala pisando forte. Estou com tanta raiva que poderia gritar. Sinto que estou me sufocando!

Nenhuma racionalização pode mudar a verdade. *Sou* uma prisioneira e *estou* inteiramente à mercê de Stonehart. Ele pode fazer comigo o que bem entender, e não tenho absolutamente

nada a fazer quanto a isso!

Caminho em direção à varanda coberta, meus passos decisivos e furiosos. O oceano lá fora debocha de mim. A luz do sol refletindo o vidro debocha de mim. Posso ver tudo isso, mas isso provavelmente é como uma imagem na tela da televisão por tudo de bom que me traz.

Preciso me libertar. *Agora*, preciso me libertar!

Eu caminho certa na direção do

quadro mais próximo. Este não esconde uma porta. Me posiciono abaixo dele, enfio meus dedos sob as pontas e o suspendo com muito esforço. Ele sai dos ganchos. É pesado e desajeitado, e eu estou a ponto de perder o equilíbrio quando ele se solta.

Mas me seguro a tempo. Eu cambaleio em direção à parede de vidro gigante. Então, com um grande esforço, jogo o quadro contra o vidro o mais forte que posso.

Não sei por que eu esperava que o vidro fosse quebrar. Obviamente, ele é mais forte do que isso. O quadro bate e volta e se espatifa no chão.

Eu aperto o meu cabelo nas minhas mãos e grito de frustração. Minha voz ecoa pela sala vazia.

É *claro* que o vidro não vai quebrar. É *claro* que não há uma saída. E ainda que eu consiga quebrar um painel, o que isso traria de bom? Eu ainda tenho essa merda dessa coleira em

volta do pescoço!

Não tendo mais lugar algum para ir, retorno para a minha coluna, cruzo os braços e me encosto nela, meditando.

Finalmente, o senso comum leva a melhor sobre mim.

Eu estava agindo como uma criança. Tentando me libertar? Um desperdício de esforço. Stonehart certamente tomou as devidas precauções para assegurar que fugir é impossível. Pelo menos,

fugir no dia esperado.

Minha birra veio de um lugar de desespero e desesperança. Prometi a mim mesma que não sucumbiria a esses sentimentos. Fazer isso é tão bom quanto admitir ser vencida.

E Lilly Ryder está longe de ser vencida.

Eu me ergo e caminho de volta para a sala de estar. Lá, eu agacho e recolho as sobras do meu almoço pelo chão. Encontro a bola de papel amassada e a

desenrolo contra a minha perna.

Stonehart *quer* que suas ações me afetem. Quando reajo da maneira que reagi, eu deixo o jogo nas mãos dele.

Não darei a ele a satisfação de ter uma reação explosiva comigo novamente.

Ponho o bilhete de volta no envelope. Então, a curiosidade leva a melhos sobre mim e desdobro a segunda folha.

Ela mostra o resultado do teste de

DST. Tudo deu negativo. Mas não é o que mais me interessa.

A data, sim.

Segundo o bilhete, Stonehart fez o teste ontem. Na folha do exame lê-se 10 de novembro de 2013.

10 de novembro. O que significa que hoje é 11.

Eu luto contra a onda de tontura que tenta tomar conta de mim. Não tenho estado aqui por duas semanas.

Estou aqui por *cinco* semanas.

Como eu posso ter contado tão mal?

Os dias são todos iguais quando se está na escuridão. Mas se *hoje* é 11, isso quer dizer que estou presa aqui por... por um mês e meio.

Não sei se sinto raiva ou orgulho.

Raiva de mim mesma por minha teimosia. Orgulho por permanecer firme no meu propósito inicial.

No fim das contas, é uma mistura dos dois. Saber que faz mais de um mês

faz bastante sentido. Isso faz com que a minha intensa perda de peso menos notável. Mas que tipo de chatice de ideal de obstinação, ou estupidez, me fez lutar minha Guerra de desgaste por *cinco semanas*?

A pontinha de orgulho que sinto por resistir é, provavelmente, inapropriada, mas que assim seja. Não posso parar com isso.

Há outras informações que me interessam no papel. O mais chocante é

o aniversário de Stonehart: 10 de junho de 1970. O homem tem 43 anos, embora ele passe por 30 anos de idade!

Pus o papel de volta no envelope. Odeio o jeito malicioso como ele escreveu que os resultados do teste deveriam “diminuir suas preocupações.”

E, além disso, uma parte de mim—convenhamos, uma parte muito, muito pequena—valoriza esse gesto. Suponho que ele possa ser visto como cavalheiresco, sob um ponto de vista

torpe.

Me sento lá, sozinha com os meus pensamentos, quando uma percepção me impressiona.

Nada do que eu faça interessa até que Stonehart faz sua presença se tornar conhecida.

Preciso aprender sobre que tipo de homem ele é para poder explorar a sua fraqueza. Mas, não posso fazer isso sem ele próximo.

Os jogos de verdade começam em

seis dias. Até lá, devo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para estar pronta.

Capítulo Cinco

Um dia passa, seguido de outro e de outro novamente. A comida que me dão faz meu corpo ficar forte. O sol que absorvo me enche de determinação. Não tenho nada para fazer, e o simples fato de eu circular sem medo de acionar a coleira é suficiente para me manter longe do tédio.

Não tenho a mínima ideia do que Stonehart fará para mim quando ele

voltar—bem, eu tenho alguma ideia, mas isso significa que não gosto de pensar sobre isso. Seja o que for, não vou esperar com apreensão.

Estarei pronta para ele quando ele voltar. Ele me encontrará perfeitamente bem e perfeitamente submissa.

Claro que isso será apenas fingimento para me conduzir ao meu objetivo.

Além disso, sei quão pouca resistência terei. Além do mais, sei as

expectativas que vêm com o contrato. Concordei em jogar esse jogo. Não posso voltar atrás agora.

Cinco dias em espera, eu me concentrei na enorme parede de vidro à noite. Não consigo deixar de rir. Já alcancei o peso e minhas bochechas estão começando a ter sua cor de volta. Ter acesso ao banheiro, não ter limite de roupa, comida e luz do sol, definitivamente ajuda. Ar fresco seria uma boa pedida, mas não estou em

condições de reclamar.

Na noite anterior à chegada de Stonehart, tomo cuidados extras para me fazer apresentável. Mergulhei na água perfumada da banheira por horas, deixando minha pele suave e cor-de-rosa. Lavei meus cabelos e os arranjo da forma mais fashion que conheço. Até já escolhi o que vestirei e a estendi sobre o piso para depois do banho.

Passo blush no meu rosto, sombra para os meus olhos e um pouquinho de

gloss. Ninguém que tenha me visto uma semana atrás iria supor que sou a mesma pessoa de agora.

Me lembro da grande aposta que Stonehart fez sobre precisão na noite em que o encontrei no restaurante. Ele me disse sete dias quando ele saiu, e sete dias é o que ele me fará esperar.

Espero que ele chegue à meia-noite.

Da última vez que o vi, ele saiu pelo caminho da porta. Eu me sento olhando para aquela direção com as

costas encostadas na coluna e começo a
minha espera.

Se passaram horas desde que a noite
caiu. Meus olhos estão se fechando.
Minha cabeça continua caindo para a
frente. Cada vez que isso acontece, eu a
levanto para cima, me recusando a cair
no sono.

A espera antecipada está me
matando. Quando Stonehart virá?

Esses pensamentos ameaçam me

derrubar numa ladeira escorregadia.
Sacudo e esfrego meus braços, não
querendo deixar minha imaginação dar
lugar ao medo.

Acordo com um sobressalto. Os
primeiros raios do sol invadem o
ambiente.

Imediatamente, meus olhos se fixam
em uma outra pessoa presente. Stonehart
está em pé, próximo a um dos painéis de
vidro, me encarando. Ele se apresenta

absolutamente impressionante em um resistente casaco bege. Está segurando uma taça de vinho claro, escondida atrás de si.

Minha mente se acelera e o pânico toma conta de mim. Por quanto tempo ele está lá? Oh, meu Deus, por quanto tempo ele está esperando?

Stonehart olha sobre o ombro, por um milésimo de segundo, depois de eu acordar. “Oh, eu assustei você? De toda maneira, espere.”

Eu me embaralho, endireitando minhas roupas nesse tempo. “Jeremy”, eu digo, nervosa. “Você deveria ter me acordado.”

“Eu não poderia fazer isso”, ele zomba. “Você estava tão bonita dormindo.”

Eu não faço ideia se considero o comentário um elogio ou um deboche.

“Não se preocupe”, ele continua, virando-se para mim. Quando ele caminhou mais para perto, eu percebi a

fina linha ao redor dos seus olhos. Embora o casado pareça ter sido passado há pouco, a camisa está cheia de dobras. Sua gravata está solta. Eu me pergunto distraidamente se ele tem trabalhado a noite toda.

“Não estou com raiva de você”, me diz Stonehart. “Na verdade, tenho uma coisa para você. Um presente”. Ele para na minha frente. “Lilly, levante a mão.”

Me lembro do que ele disse com relação às *consequências do mau*

comportamento. Não sei quais seriam elas, nem estou interessada em descobrir. Levanto meu braço direito e o estendo na sua direção.

Ele toma minha mão gentilmente entre as suas. Seu toque é firme, mas suave. Um pequeno suspiro escapa da minha boca com o calor que sinto ao redor dos meus dedos.

Eu pensei nele tantas vezes como um monstro horrível que é um choque me dar conta daquele sangue bom que

corre em suas veias, como o meu.

Ele ri da minha reação, então acaricia meus dedos com o seu polegar. Esse pequeno gesto é tão carinhoso que me assusta. Isso se parece mais com o carinho de um amante, não de um captor.

Stonehart leva minha mão à boca, bem devagar, e a beija. Os cabelos dos meus braços arrepiam. Eu seguro um tremor.

Maldição. Como pode o meu corpo reagir a ele dessa maneira?

“Estou agradecido”, ele diz, suavemente, com uma voz angelical conduzindo o meu corpo, “com a maneira como você melhorou sua aparência desde minha última visita. Então, trouxe isso para você.”

Uma das mãos dele é levada ao bolso e ele tira uma pequena caixa de veludo. Eu vejo a palavra *Buccellati* estampada nela em letra fina e prateada.

“Para você”, ele diz.

“O que é isso?”

“Abra e veja.”

Eu aceito a pequena caixa. Meus dedos tremem quando eles tocam os cantos do objeto. Eu a abro e olho.

Há um bonito anel de diamante. Ele reflete a luz e forma milhões de raios distintos. Nunca vi algo assim.

“Por quê?” É tudo o que consigo dizer.

“Como um símbolo de meu apreço”, Stonehart responde. Eu estendo a mão hesitante e com o meu polegar toco no

diamante. Eu quase não acredito que é real. “Você provavelmente pensa que isso é... um prêmio pelo *bom comportamento*.”

Ele toma a caixa da minha mão e pega o anel. Eu mantenho minha mão suspensa no ar, enquanto ele desliza o anel sobre o meu dedo. Ele se encaixa tão perfeitamente que parece um sonho.

“Você gostou?”, ele pergunta.

“Sim”, eu sussurro. “Gostei demais.”

“Bom”, Stonehart sorri. “Estou contente.”

Naquele momento, eu capto um brilho perigoso no olho dele. Isso me faz dar um passo involuntário para trás.

“*Lilly*”, Stonehart realça meu nome, enquanto seus olhos me penetram. “Toda boa ação merece uma recompensa.”

Meu coração começa a disparar quando me dou conta do que ele quer dizer. Estive me preparando para isso,

mas, na verdade, experimentar a situação... é outra história. A aparência do seu rosto me diz exatamente o que ele quer.

Sua mãos se erguem e agarram os meus ombros. Ele me empurra para baixo, me forçando a ajoelhar.

“Considere isso”, ele destaca, abrindo o zíper da calça, “... uma pequena amostra do que está por vir.”

Suas mãos torcem meu cabelo com força e ele me empurra para si: “Seja

uma boa garota, agora, e não morda.”

Eu molho meu rosto com água fria de novo e de novo, tentando apagar da memória o que de fato aconteceu.

No momento em que Jeremy tirou suas calças, ele se tornou... um animal. Eu podia senti-lo despejando toda a sua raiva reprimida sobre mim. Ele não se importou que eu quase engasguei, não se importou de ter puxado meu cabelo tão fortemente que quase o arrancou de suas

raízes. A única coisa com que ele se importou foi com o seu próprio prazer, me banhar com o fluido liberado de seu corpo e, então... voltar-se para o lado e sair.

Eu tremo enquanto tento tirar o sêmen do meu cabelo. O fato disso entrar em contato com a minha pele me enche de nojo. Eu lanço o pedaço de papel sujo no vaso sanitário e dou descarga com o meu dedo do pé.

Me sentindo um pouco mais limpa,

mas não menos usada, me arrasto até o toucador para refletir.

Há alguns poucos vasos de sangue que aparecem na minha testa, quando ele enrolou suas mãos em volta do meu pescoço e cortou a circulação. Posso cubri-los com uma maquiagem suave. Meus olhos estão vermelhos das lágrimas que caíram do meu rosto. Checo as gavetas para ver se encontro um colírio Visine e ponho algumas gotas em cada olho. Stonehart me disse para

esperá-lo hoje de novo, o que significa manter a aparência.

Me preparo para isso.

Me apoio contra o o balcão assim que fico pronta. É incrível como um pouquinho de maquiagem pode transformar a aparência de uma pessoa.

Pareço radiante como sempre.

Levanto os meus ombros, como se dançasse uma valsa, para selecionar

meu traje para a noite. Quando Stonehart me deixou, eu estava jogada no chão. Quando ele me vir da próxima vez, não verá nem sinal daquela mulher.

A determinação para ver a justiça feita impede meu espírito de falhar. Stonehart quer me provar que ele possui o meu corpo. Vou deixar que ele acredite nessa fantasia.

Esse é apenas o primeiro dia.

Capítulo Seis

Volto para a varanda coberta e tenho uma surpresa. A porta que leva para fora está aberta.

Por um momento, meu cérebro não pode compreender o que isso significa. Me permitiram sair? É mais um “prêmio por bom comportamento”?

Só depois de tentar lidar com esses pensamentos, me dou conta de uma mesa de jantar posta pela mesma mulher velha

que cuidou de mim naquele dia na semana passada. Ela para o que está fazendo quando me vê e sorri.

“Você é a própria imagem de saúde esta manhã, Senhorita Ryder.”

Eu pisco, surpresa por ter sido recebida por outra pessoa que não é Stonehart. Estou tão acostumada a ser esquecida! Velhos hábitos morrem tarde, eu suponho.

“Oh”, eu gaguejo. “Obrigada”. Dou alguns poucos passos cuidadosos na

direção dela. “Sinto muito, mas eu nunca guardei seu nome.”

“É Rose”, ela sorri novamente, e em seguida volta sua atenção para a mesa.

“Rose”, eu murmuro baixinho. É maravilhoso falar com *outra* pessoa que não seja Stonehart. “É bom encontrar você, Rose.”

Ela faz um gesto evasivo, mas amigável, sem olhar para cima.

Caminho mais alguns passos em sua direção. “Estava me perguntando, desde

que você deixou a porta aberta...” Eu olho a bandeja com as louças de pé, do lado de fora, “... se isso significa que...” Eu me calo, sem ter certeza do que dizer.

“Oh! Ela fica de pé e põe as mãos na cintura. “Na verdade, o senhor Stonehart me pediu para lhe transmitir uma mensagem. Ele disse: ‘Nada mudou’. Agora”, ela ri. “Não tenho a intenção de saber o que isso significa e certamente não é minha intenção me

intrômetro, mas suspeito de que você tem algum tipo de acordo com ele. Talvez essa mensagem tenha a ver com isso.”

Ela pisca para mim, alegre como uma abelha. “Ele também me disse para ter certeza de que essa porta esteja sempre trancada, mas estava tão abafado aqui, quando cheguei, que pensei que um pouco de ar fresco possivelmente faria bem a você”, ela sorri. “Você não concorda?”

“Oh, sim”, eu sussurro, assombrada.

Ar fresco? Será possível que eu tenha encontrado uma aliada nesta mulher?

Eu mal posso acreditar que ela é a pessoa que me tratou com tanto desinteresse uma semana atrás.

“Você se importa?”, eu pergunto, fazendo um gesto em direção à porta.

“De jeito nenhum”, ela diz. “Sinta-se convidada.”

Caminho até a porta e ponho minhas mãos no portal. Um vento frio levanta

meu cabelo ao redor do meu rosto.
Respiro fundo, adorando o cheiro de
mar. Não tenho respirado ar fresco só
Deus sabe desde quando.

Parece uma enorme quebra de
protocolo poder fazer isso. Mas não
estou desrespeitando nenhuma regra,
estou? E sabendo que estou sentindo o
vento no meu rosto—algo que Stonehart
não tinha intenção de me permitir fazer
—é um impulso encorajador para a
minha mente.

Stonehart não tem todo o controle como ele pensa.

Eu me pergunto quão longe estou disposta a levar isso tudo. Olho para os meus pés, então os movo uns centímetros para a frente. Meus dedos tocam a soleira da porta.

Sei que a coleira controla a minha posição. Desde que minha cabeça fique dentro, eu não devo correr nenhum perigo.

Respiro fundo e fecho os olhos,

então ponho um pé para fora da porta.

Um grande entusiasmo brota em mim quando meus pés tocam a passarela de cimento do lado de fora. Eu tremo e volto para trás rapidamente. Um gostinho de rebelião já é suficiente.

Caminho até Rose. Vejo-a esconder um pequeno sorriso, enquanto se mantém olhando para o chão.

“Você está preparando para mim e para o Senhor St —Jeremy?”, eu pergunto.

“Sim”, ela responde.

“Ele não me disse que estava vindo para o jantar.”

“Às seis da tarde”, Rose confirma.

“Hummmmm”. Eu ainda tenho horas sobrando. Como não tenho nada para fazer, pergunto: “Devo ajudá-la?”

Rose me olha. Uma espécie de sorriso maternal enfeita os seus lábios. “Gostaria muito se pudesse.”

Capítulo Sete

Algumas horas depois, estou sentada sozinha à mesa, olhando sobre a bonita água, quando vejo, pelo canto de olho, Stonehart chegando. Me levanto, enquanto ele entra na sala, e só me sento de volta quando ele pega sua cadeira e fica do meu lado.

“Boa noite, Lilly”, ele me cumprimenta.

“Boa noite, Jeremy”, respondo.

“Vejo que você estava esperando por mim. Isso é bom”. Ele toma um pequeno gole de água. “Eu odeio quando é o contrário.”

“Eu prometo que isso não acontecerá novamente”. Ofereço um sorriso sentimental.

“Bom”, Stonehart balança a cabeça. Ele se inclina para trás e solta um braço sobre a cadeira. “Você está bonita esta noite, Lilly.”

Sua voz é completamente sincera.

Isso me pega de surpresa.

“Obrigada, Jeremy.”

“A cor do seu vestido destaca a cor dos seus olhos”, ele observa. “Estou agradecido que você tenha tido o trabalho de encontrar roupas apropriadas.”

“Não é difícil quando eu tenho esse tipo de seleção generosa à minha disposição.”

Stonehart move a cabeça, em sinal de aprovação. “Tenho que dizer que o

seu comportamento é uma surpresa prazerosa. Eu estava esperando mais... resistência... de você.”

Sorrio para ele docemente. “Por que você esperaria resistência, Jeremy? Você me oferece tudo o que eu preciso.”

Ele se desmancha em risos. “Sim, pode-se dizer isso”. Ele olha sobre o ombro. Vamos comer?

À primeira ordem dele, um rapaz em um smoking entra rapidamente na sala de estar. Ele empurra um carrinho

com as bandejas. Cheiros deliciosos vêm do prato coberto.

Ele põe a mesa com eficiência. Stonehart o ignora até que ele termina e eu vejo o sinal de que está pronto. Nós dois esperamos em silêncio.

Quando o jovem rapaz termina, Stonehart inclina levemente a cabeça, em sinal de despedida. O homem se inclina, em sinal de respeito, vira e vai embora.

Quando estamos sozinhos

novamente, Stonehart sorri. “Como foi o seu dia?”, ele pergunta.

Olho para ele, enquanto o meu cérebro fica branco. Quase me esqueço de mim o suficiente para deixar o meu queixo cair. *Como foi o meu dia?* Ele está falando *sério*?

“Lilly”, ele observa, “faz parte dos bons costumes responder a uma pergunta educada ao jantar.”

“Foi bem”, eu gaguejo, balançando a cabeça. “E o seu dia, como foi?”

Os olhos de Stonehart diminuem de tamanho. O movimento é tão pequeno que passaria despercebido para a maioria das pessoas. Eu o capto. Eu sei bem que não devo baixar minha guarda quando estou perto dele. Não quando as coisas dependem do seu humor.

“Eu devo lembrar você das regras que governam o seu comportamento?”, Stonehart me pergunta, com os olhos aumentando de tamanho. “Regra número três, em particular: você não está

autorizada a questionar os meus desejos. Perguntas relacionadas à sua situação são proibidas”, ele menciona.

Meu estômago instantaneamente começa a se contorcer. “Não, Jeremy, eu não quis dizer isso. Sinto muito. Simplesmente—escapou”. Baixo os olhos em direção ao prato. “Por favor, não me puna”, eu suplico.

“Agora, agora, Lilly”. Stonehart fala em um tom intenso e de zombaria. “Por que razão eu puniria você? Não estou

indiferente à sua situação. Eu compreendo que algumas das suas habilidades especiais se enfraqueceram com a sua permanência aqui. Isso apenas acrescenta mais um item à lista de coisas que precisamos trabalhar.”

“Eu farei melhor”, prometo, xingando em silêncio a mim mesma. O servilismo vai contra cada osso do meu corpo, mas é o que devo fazer se quero desempenhar bem o meu papel. “Você está certo. Estou enferrujada.”

“É claro que estou certo”, ele me diz. “Você está seriamente obrigada a encontrar uma situação em que eu esteja errado.”

A não ser sobre mim, repito só em pensamento. Você está errado quanto a mim.

Stonehart sorri. Eu chamaria esse sorriso de meloso se ele estivesse em um rosto um décimo menos bonito do que esse. Mas ele claramente se superou na arte da representação. Tudo nele flui

de forma confiante. “Vamos comer?”

“Sim”, eu concordo, agradecida pela distração. “Sim, vamos.”

O restante do jantar segue sem novidade na conversa. Ainda não sei o meu lugar, então eu não falo a menos que Stonehart me faça uma pergunta direta.

Essa atitude produz um silêncio crescente entre nós. Isso me deixa no limite. Stonehart, por outro lado, parece bem à vontade. Enquanto come, ele

dirige um sorriso educado para mim de quando em vez. A quietude não o chateia.

Afinal, por que o incomodaria? Imagino que ele já conviveu com situações em que teve que lidar com coisas mais estressantes—e importantes—do que um jantar com o seu... brinquedinho. Para ele, esse jantar não significa nada.

Mas, para mim, interações como essa são de extrema importância. Um

tempo passado de vez em quando com Stonehart é a única chance que tenho de aprender sobre ele.

Esta é a mascara dele, eu me dou conta quando estou dando a última mordida. Esta é a cara que ele mostra para os seus colegas. Ao público. Esta é a face de Jeremy Stonehart, megamilionário, CEO das Indústrias Stonehart.

Isso não dá nenhuma dica do monstro que espreita sob a pele.

Logo que nossos pratos são tirados, Stonehart se recosta na cadeira. Ele ainda não disse nada. Ele sorri e vejo os olhos dele fitando as minhas feições. Eles passam pelo meu pescoço, para a bainha do meu vestido. Aquele jeito de me olhar lascivo me faz sentir desconfortável. Quero esconder mais da minha pele, mas estou certa de que isso o irritaria.

Então, me sento perfeitamente em frente e finjo não me dar conta.

Por acaso, o silêncio se torna complicado de lidar. É o tempo mais longo que fiquei com ele sem ter o pinto dele enfiado na minha garganta. Preciso levar vantagem, especialmente o tanto necessário para nós dois operarmos sob uma fingida civilidade.

“Jeremy?”, eu me arrisco. Me certifiquei de ter dado à minha voz a quantidade certa de hesitação. “Posso lhe fazer uma pergunta?”

Ele pega a taça de vinho e a gira na

mão. “Você se lembra das nossas regras?”, ele pergunta.

“Sim. Minha pergunta—bem, não é bem uma pergunta, na verdade, é mais um... esclarecimento. Tem a ver com as suas—com as minhas—regras. Só estou perguntando para não correr o risco de quebrá-las mais tarde.”

Stonehart se inclina para a frente, intrigado. “Você está tomando a iniciativa”, ele diz. “Você está no controle da situação. Eu respeito isso”,

ele consente com a cabeça. “Vá em frente.”

Raspo a garganta. “Você disse, antes... sobre... *consequências quanto a mau comportamento.*”

“Sim”, ele diz. “Eu disse.”

“Eu estava me perguntando...”, raspo a garganta novamente. “O que poderia ser?”

Stonhart sorri grandiosamente. “Por quê, Lilly? Eu não acho que uma garota inteligente como você teria alguma

dificuldade em descobrir isso”. Ele interrompe a fala, encosta-se na cadeira e cruza as pernas. “A resposta é simples.”

“Se você se comportar mal, deixarei você no escuro.”

Todo o sangue é sugado do meu cérebro. *Não. Não, eu não voltarei lá outra vez!*

Meus dedos se afrouxam. Minha taça de vinho escorrega dos meus dedos e cai no chão, partindo-se em cacos

pequenos e pontiagudos.

Stonehart franze as sobrancelhas.

“Eu deixei você triste”, ele diz, suavemente. “Lilly, eu prometo a você que não era a minha intenção.”

“É minha culpa”, eu gaguejo, balançando a cabeça. Não é fingimento desta vez. Essa reação é genuína. “Eu apenas... eu apenas preciso...”

“De quê?”, Stonehart pergunta, se inclinando para a frente. “Lilly, diga-me do que você precisa.”

“Eu preciso... eu preciso... de *ar!*”

Eu arquejo e me levanto da mesa.

Cambaleio quando uma onda de tontura me atinge.

Stonehart aparece do meu lado como um flash. As mãos dele gentilmente apoiam os meus ombros e ele me senta na cadeira.

“Respire”, ele me diz. “Baixe a cabeça”. Vejo-o olhando para mim e me dou conta de que ele está se ajoelhando para ficar à minha altura. Vejo

compaixão e preocupação no seu rosto ao mesmo tempo.

Maldição ele ser tão bom ator!

Ninguém em sã consciência pensaria que essas emoções são falsas. Mas eu o conheço bem.

Stonehart segura minha mão entre as dele. Eu deveria sentir repulsa por tê-lo tão perto de mim, mas, de alguma maneira, e acima de tudo, aquele simples aperto sobre a minha mão me fez sentir forte.

“Você quer água?”, ele pergunta.

Putá merda! Ele até consegue fazer com que sua voz pareça sincera. “Você disse que precisa de ar. Você gostaria de ir lá fora?”

Eu concordo com a cabeça, sem dizer nada. Stonehart fica de pé, envolve o braço em volta da minha cintura e me ajuda a levantar. Eu tenho que me encostar nele como apoio para poder caminhar.

Caminhamos até a porta. Estou

respirando rapidamente, tomando fortes e pequenos arquejos enquanto forço meus pés para caminhar. Parece que estou em vias de ter um ataque de pânico.

Stonehart para em frente da porta de vidro e traz o seu pulso até o sensor. Ouço o apito do escâner—e me lembro da coleira ativa em volta do meu pescoço.

Me desprendo de Stonehart e o encaro, olhos arregalados, enquanto uma

fria e suave brisa noturna passa rapidamente pela porta aberta.

“O limite”, eu digo meio ofegante.

“Você o mudou?”

Stonehart olha para mim com pena.

“Minha querida Lilly”, ele diz. “Quando eu mudar o limite, você será a primeira a saber.”

Meus olhos se movem rápido para a porta. Minhas mãos estão fechadas em punho. Meu coração dispara. “Você está me conduzindo para fora”, eu digo,

tentando fazer com que tenha sentido.

“*Terminou* o limite anterior que você estabeleceu?”

Stonehart estende os braços. Eu capto um obsceno e malicioso brilho nos olhos dele. “Você disse que era o lugar para onde eu queria ir.”

Uma onda de raiva se rompe em mim como um fogo incontrolável. “Seu filho da puta!”, eu grito. “Você sabia o que poderia acontecer se eu caminhasse para fora da soleira da porta!”

“Lilly, Lilly”, ele me critica severamente. “Não há necessidade de aumentar o tom de voz. É claro que eu sabia, como eu tinha dito a você. Mas quem sou eu para negar o pedido de uma dama?”

“Você sabira o que poderia acontecer!”, eu o acuso. “Você sabe e mesmo assim você me levou até lá!” Eu devo ser louca, para estar gritando com ele dessa maneira.

Stonehart dá um passo forte em

minha direção. “Você continua gritando comigo, Lilly, e você se arrisca a me deixar com raiva.” Ele ri bem forte. “Eu não acho que você gostaria de mim quando fico com raiva.”

“Gostar de você?” Eu *odeio você!*” A loucura, definitivamente, toma lugar. O filtro entre os meus pensamentos e minha fala desaparecem. “Você está doente!” Que tipo de homem faz isso a uma mulher? A uma estranha? Quem sou eu para você, Jeremy? Você está doente,

perverso e eu *odeio você* com todas as minhas forças!”

Stonehart leva o meu discurso com uma graça calma e firme. Estou tentando recuperar o fôlego no final. Cada fibra do meu corpo está tremendo, todas comprimidas.

“Você está pronta?”, ele me pergunta com uma voz suave e delicada.

Eu respondo caminhando até a mesa, pegando a garrafa de vinho e jogando-a no rosto dele.

Ele se esquivava do objeto. A garrafa bate contra o painel de vidro atrás dele e se quebra.

Stonehart rosna e avança sobre mim. Ele caminha rápido. Eu pulo para trás, mas as mãos dele se lançam para o alto para me pegar.

Eu me debato para me soltar dele, tentando me livrar de suas garras. “Me deixe ir!”

Os dedos dele comprimem os meus braços. Isso dói. “Olhe para mim”, ele

ordena.

Balanço minha cabeça em total abandono. *O que aconteceu com a calma e racional Lilly?*, uma voz ao longe me pergunta. *O que aconteceu com a garota que apostou o seu tempo?*

“Bem. A escolha é sua”. Sua mão se ergue e se enrosca no meu cabelo. Ele fecha o punho, impiedosamente puxando meus cabelos pela raiz.

A dor aumenta, desce pela minha espinha e toma conta do meu corpo. É o

suficiente para fazer as lágrimas correrem.

Stonehart força minha cabeça para cima. Eu gemo como uma criança assustada. Ele é muito maior do que eu e muito mais forte. Ele pode me levantar sem o mínimo de esforço.

Estou horrorizada quanto ao que vou encontrar nos seus olhos. Eu fecho os meus bem forte, tentando escapar desse pesadelo.

Sua mão se afunda em meu cabelo

ainda mais. “Abra os seus olhos”, ele ordena. “Abra os seus olhos e olhe para mim, Lilly.”

Adrenalina está bombando pelo meu corpo a cada batida do coração. Minha respiração está ofegante. A dor que corre na parte de trás do meu couro cabeludo é tão ruim como insuportável. Ainda assim, eu me recuso a abrir os olhos.

“Vou lhe dizer mais uma vez”, Stonehart avisa. “Ou você está se

recusando a cumprir?”

Abro um olho, depois o outro e encaro o monstro que eu deixei furioso. No momento em que vejo seu olhar faiscando de raiva, a escuridão não parece ser uma má alternativa.

“Eu vou responder suas perguntas na sequência em que você me fez”, ele me diz, sua dicção entrecortada como a única indicação de suas emoções. “Que tipo de homem eu sou? O tipo que *posso* ser, Lilly. E o tipo que *sou*. Eu *posso*

fazer isso para você, então *faço*”. Sua mão segura forte o meu cabelo, me fazendo gemer. Eu pisco rapidamente para combater a onda de lágrimas.

“Quem é você para mim? Você é minha *empregada* e, como uma extensão disso, minha *propriedade*. Você continua assim durante o prazo do nosso contrato”. Ele abaixa o rosto e se aproxima do meu. Posso sentir sua respiração na minha pele. “Você não se esqueceu disso, esqueceu?” Ele puxa o

meu cabelo, me fazendo gritar. “Então?
Reponda-me!”

“N-não!”, eu grito.

“Não. Você diz ‘não’, Lilly. Mas, eu penso que você se esqueceu. Na verdade, acho que tenho sido muito indulgente com você”. Ele puxa meu cabelo com tanta força que estou certa de que irá arrancá-lo a qualquer momento.

“Por favor”, eu imploro. “Por favor, você está me machucando.”

Um sorriso sinistro se forma nos lábios dele. “Você não aprecia isso?”, ele pergunta, com os olhos se movendo entre os meus cabelos e suas mãos. “Você não gosta de ser *segurada* desse jeito?”

Lágrimas borram a minha visão. Tudo o que posso pensar sobre isso, de toda forma, aliviando a dor horrível que vem das suas garras, é dizer: “Não”, eu imploro. “Por favor, me deixe ir.”

Ao invés de me soltar, ele move

minha cabeça para o lado, de forma que ele possa sussurrar no meu ouvido: “Eu não gosto de ter as coisas jogadas contra mim.”

“Não quero fazer isso novamente. Eu imploro! Sinto muito. Eu—”

Minha súplica é interrompida quando Stonehart me solta. Meus joelhos entraram em colapso. Eu caio chão e começo a chorar em um misto de alívio e humilhação.

“Lilly, Lilly, Lilly”, Stonehart diz.

Posso senti-lo caminhando em círculos em volta de mim, como um leão em volta de sua presa ferida. “O que nós vamos fazer com você?”

Eu me enrolo em forma de uma pequena bola para o lado. Minhas mãos cobrem a cabeça. A única coisa que posso fazer é soluçar e tremer.

“Agora. Você está com medo de mim. Posso ver isso”. A voz de Stonehart é fria como o gelo e mortalmente calma. “Você está

amedrontada. Você está pensando: *O que você pensa em fazer depois?*”

Dou um gemido incoerente.

Stonehart se agacha na minha frente.

Abro os olhos o bastante para vê-lo arregaçando as mangas. “Não vou bater em você, Lilly”, ele diz. “Não é do meu estilo. Além do mais—” ele ri calmamente, “—que utilidade você teria para mim ensanguentada e toda roxa? Quero você *fresca*, minha querida.”

Sem avisar, suas mãos se movem

rapidamente e paralisam os meus ombros contra o chão. Ele mexe uma das pernas sobre mim e solta todo o seu peso sobre o meu corpo.

A respiração dele se torna mais pesada. É profunda e áspera, vindo de algum lugar acima de mim.

“Agora”, ele sopra o meu cabelo de um lado para poder ver o meu rosto.

“Essa nossa pequena aventura fez o meu sangue ferver. Conheço apenas uma única saída para isso.”

Luto com ele, mas em vão. É como tentar mover uma rocha.

“Querida Lilly”, ele acaricia minha bochecha com as costas da mão. Posso sentir os cabelos dos seus dedos contra a minha pele lisa. “Doce, doce Lilly”. Devo admitir que eu gosto de evocar esse tipo de paixão em você. Mas você deve me deixar sentir o mesmo.”

Ele abaixa a cabeça até o meu ouvido e acrescenta um sussurro picante: “Lute de volta. A luta... ela me

excita.”

Capítulo Oito

Eu respiro ofegante enquanto ele agarra meu vestido com as duas mãos e o rasga ao meio. Meus seios saltam para fora.

“Sim”, ele rosna. Eu me jogo no chão contra ele. “Sim, isso é o que eu estava esperando.”

Tento gritar, mas o som é abafado quando Stonehart bate sua boca contra a minha. O beijo é agressivo e brutal. Eu

mantenho os lábios bem cerrados, mas sua língua encontra um caminho de toda forma. Balanço a cabeça para trás e para a frente, gritando “*não, não, não*”, mas só em pensamento. Mas não posso fazer nada contra o ataque.

Uma das mãos dele alcança meu peito. Ele o segura e o aperta para baixo com força, comprimindo-o ao mesmo tempo. Ainda assim eu continuo a me debater, lutando embaixo dele como uma gazela presa.

Stonehart deixa a minha boca. Sua respiração forte é quase de fera e coincide com a minha. Eu vejo uma pura e animalesca agressão em seus olhos.

“Contorça-se”, ele diz com voz áspera ao meu ouvido. “Me bata. Grite. *Morda*. Gosto disso com violência.”

Eu concordo com o pedido dele, esfregando minha testa no seu queixo.

Nesse momento, ele está muito atordoado para se mover. Ele me solta. Eu desperdiço minha chance de escapar,

depois de hesitar por tanto tempo.

Um tempinho depois, a mão de Stonehart se lança para a frente e agarra o meu pescoço. Eu arquejo, sentindo faltar sangue no meu cérebro imediatamente.

“Então você consegue seguir as instruções”, ele enuncia, estalando o pescoço para um lado. “Está bem, Lilly. Mas você tem que se lembrar: eu estou *sempre* no controle.”

Ele tira a mão da minha garganta e o

sangue volta à minha cabeça como a água solta de uma comporta. A euforia do oxigênio alcançando o meu cérebro me deixa maravilhada e me conduz a um estupor momentâneo.

Stonehart não perde tempo. Ele tira proveito da minha condição, me virando de tal maneira que meu rosto é pressionado contra o chão. Seu domínio sobre os meus ombros me força para baixo. Posso sentir o mármore implacável apertando as minhas

bochechas. Independente de quanto eu me contorça, não posso ceder nem um centímetro.

Ouçõ o barulho do cinto dele sendo aberto e então o ouçõ se soltar.

Stonehart prende uma das minhas mãos e a gira para trás, em uma posição horrível e incomum. A dor corre pelo meu ombro e eu grito.

Sinto um cinto de couro apertar em volta do meu pulso. Antes de eu saber o que está acontecendo, meu outro braço é

torcido da mesma maneira. Os ombros queimam como se tivessem sido atravessados por um prego. Eu me movo de um lado para outro, mas quanto mais eu me mexo, pior a dor fica.

Me dou por vencida e paro de lutar. Tão prontamente eu deixo o meu corpo relaxar no chão, a dor diminui. Não sumiu de todo, claro, mas ela parece nitidamente melhor.

A respiração de Stonehart está vindo pesada sobre mim. Eu sinto sua

força diminuir por um milésimo de segundo. Não tento levar vantagem. Não há para onde correr.

De repente, sinto o meu vestido ser levantado. Stonehart produz um som primitivo de satisfação enquanto o ar corre pelas minhas nádegas. Ele me dá um tapa, fraco, mas o som do contato de nossas peles ecoa pelo ambiente. Ele ri e bate de novo, desta vez do outro lado.

Ele se levanta. “Gosto quando você faz isso, Lilly. Você se torna muito...

obediente.”

Do nada, ele me bate com um tapa de braço inteiro, forte o suficiente para me fazer escorregar pelo chão. Eu grito de dor. Eu sequer tenho a chance de me proteger antes de ele repetir o tapa. E mais uma vez, mais uma vez.

Cada pancada violenta estremece meu corpo inteiro. Não sei quanto tempo demora. A partir do momento em que ele está pronto, eu nem mesmo sinto mais os tapas individuais. Todos os meus nervos

estão dormentes.

“Levante-se”, ele ordena. Quando demoro a responder, o comando se torna ainda mais raivoso. “Eu disse para se levantar!”

Me ponho de pé, cambaleando duas vezes nesse tempo. Meu rosto está molhado de lágrimas e saliva. Stonehart pega o cinto, amarrando minhas mãos para trás, e me empurra na direção da mesa.

Meu corpo inteiro está tremendo.

Não consigo parar minhas lágrimas.
Minha antiga determinação? Se foi.
Quero sair desse pesadelo horrível.

“Continue”, ele diz. Começo a virar a minha cabeça para trás, para dar uma olhada nele, mas ele me impede que isso aconteça, me empurrando para a frente. Eu tropeço e caio. “Maldição, Lilly”, ele ruge. “Deite-se nessa mesa, caralho!”

O ódio na voz dele me faz obedecer em absoluto terror.

Luto para ficar de pé mais uma vez.

Stonehart aperta o cinto e me leva para a mesa de jantar. Com uma ampla e impaciente varredura com o braço, ele tira a louça. Tudo cai no chão.

Dou uma olhada rápida em seu rosto. A visão dele me preenche com um absoluto pavor na alma.

É insano o que nossa mente é capaz de pensar em situações de desespero. Me sinto repentinamente agradecida de que ele não tenha me feito encará-lo.

“Deite-se”, Stonehart me obriga.

“De bruços. Os peitos no alto da mesa.

Não me faça pedir duas vezes, Lilly.”

Eu faço o que ele pede sem um pingo de hesitação.

“Agora”, ele prossegue, “Abra as pernas. Mostre a sua bunda. *Isso*”. A palavra é uma lâmina profunda. “Deus. Isso mesmo.”

Ele vem para cima de mim. Posso sentir o tecido de suas calças se esfregando contra minhas pernas

desnudas. Suas mãos acariciam o meu cabelo e escorregam lentamente pelas minhas costas. Pelas costas, sobre o meu bumbum, e—respiro ofegante—bem dentro de mim.

“Você está molhada”, ele diz. Ele não consegue esconder a surpresa.

“Merda”. Os dedos dele começam a me experimentar. Ele ri. “Merda, Lilly, olhe para você”. Você deve estar gostando disso mais do que eu estou.”

De alguma maneira, eu seriamente

duvido disso.

Eu gemo novamente quando três dos dedos dele entram em mim. Ele se deita e sussurra no meu ouvido. “Vou foder você agora. Eu quero que você grite”. O dente dele morde a minha orelha. “Grite por mim, pequena flor. Grite *alto*.”

Capítulo Nove

Eu repouso sobre a mesa e grito, enquanto Stonehart me bate. Ele é implacável, impiedoso. Já nem sei mais há quanto tempo isso está demorando.

Meus ombros gritam de dor enquanto ele segura meus braços para trás e força o seu corpo contra o meu de novo, de novo e de novo, com toda a fúria e raiva que provoquei.

Ele agarra meu cabelo e me empurra

para trás, pressionado o seu corpo contra a minha coluna cervical ao mesmo tempo, de forma que meu corpo forma uma espécie de meia-lua.

Lágrimas marcam meu rosto à medida que ele acelera o movimento, como se fosse me rasgar por dentro. Não consigo acreditar no seu vigor. Eu amaldiçoo a mim mesma por sempre ter reclamado de meus ex-namorados. Há um carma para você.

O ataque está terminado. Tentar,

como eu desejo, amenizar o desconforto fazendo meu corpo relaxar, é impossível. Cada fibra do meu ser se comprimiu contra a investida. Isso faz a dor piorar.

A mão de Stonehart se lança em volta e agarra um dos meus peitos. Em um movimento rápido e áspero, ele o puxa para fora e gira o meu corpo. A parte de trás da minha cabeça bate para fora da mesa. Stonehart solta um som guttural indescritível e meu corpo todo

estremece. Parte do seu esperma cai no meu rosto. Eu encolho e estremeço.

Quase não há descanso e ele me penetra novamente, duro como uma rocha. Eu abro os olhos e suspiro para ele. Como isso é possível? Ele começa a mover seus quadris mais uma vez, as duas mãos apertando e atacando o meu corpo. Ele está ofegante. Eu também estou. Eu forço meus olhos para o teto acima da minha cabeça para não ver o rosto dele. Fecho os olhos e rezo para

isso acabar logo.

Stonehart me deixa tremendo e chorando em cima da mesa. Ele não diz nada ou nem mesmo me reconhece depois de atingir o clímax pela segunda vez. Ele apenas solta os meus tornozelos e vai embora.

Eu me dobro como uma pequena bola, no alto da mesa, embalando-me. Minha mente consciente voa para o escuro, para um canto distante, onde

ninguém pode tocá-la. É um lugar onde a dor não se sente tão mal.

Exausta, abusada e quebrada,
sucumbo a um sono de descanso.

Capítulo Dez

Desperto na manhã seguinte e sinto o calor do sol no meu rosto. Abro os olhos. Minha cabeça está zonza dos pesadelos. Descubro que um cobertor de lã grosso foi posto sobre o meu corpo.

Sento-me sobre a mesa, apertando o tecido contra o meu pescoço. Levo uma mão à cabeça. Cada batida do coração me faz sentir uma forte dor nas minhas têmporas. Desesperadamente preciso de

um antiinflamatório Advil.

Como se o meu último pensamento fosse um desejo falado, Rose aparece na minha frente carregando um enorme copo de água e uma pequena bandeja de pílulas.

“Aqui, querida. Tome este”, ela diz com sua voz gentil e maternal. Eu pego o copo de sua mão com as mãos trêmulas e engulo as pílulas. Ela põe o braço em volta dos meus ombros e, ternamente, esfrega as minhas costas.

Só depois de eu ter engolido as pílulas, me dou conta de que nem mesmo sei o que elas são. Rose percebe a expressão de horror no meu rosto e sussurra: “Extra pílulas fortes de Tylenol, Senhorita Ryder. E mais uma pílula matinal.”

A referência a *esta* me faz adoecer repentinamente.

Ela sabe, eu penso horrorizada.

É claro que ela sabe! Meu diálogo interior conta. *Ela trabalha para ele*,

lembra-se?

“Vamos lá, querida”, diz Rose.

Preparei a banheira com água quente, do jeito que você gosta. Vou ajudar você a se lavar.”

Eu puxo o cobertor. “Você fez isso?”, pergunto, com a voz curta e fraca. Odeio como pareço patética.

“Não, foi o Senhor Stonehart. Ele veio esta manhã, antes de sair para o trabalho. Ele até deixou isso para você.”

Rose revela uma caixa pequena e

aveludada. É como a que Stonehart me deu antes.

“Não quero isso”, eu digo, a bile subindo à minha garganta. “Por favor, leve isso daqui. Não quero ver isso agora.”

“Vou deixar isso no toucador”, ela diz, gentilmente, antes de fazê-lo desaparecer dentro do bolso. “Vamos agora, Senhorita Ryder, é hora do seu banho. Eu vou ajudá-la.”

Me apoio nos ombros da mulher

grisalha e deixo que ela me leve pelo corredor até o banheiro. Eu observo sob a manta, enquanto caminhamos, e vejo que estou sem o vestido. *Será que Stonehart fez isso de manhã também?*

Rose me ajuda a entrar na água. Ela não comenta nada sobre o estado do meu corpo. O banho está abençoadamente quente e perfumado com flores.

“Me deixe lavar o seu cabelo”, ela diz, depois de ter me arranjado na banheira. Eu concordo com a cabeça,

ainda entorpecida em função dos eventos da noite passada. “Deite-se”, ela sugere. “Mergulhe a sua cabeça.”

Faço o que ela me pede.

Mergulhando na banheira, eu quase posso me esquecer de onde estou.

Quase. A coleira em volta do meu pescoço é um constante alerta.

Rose faz espuma no meu cabelo.

Seus dedos são suaves e gentis. Faço o que posso para relaxar, nem que seja um pouquinho.

Um longo tempo passa e nenhuma de nós fala nada. Depois que um pouco do calor entrou no meu corpo, quebro o silêncio com uma voz baixa. “Por que você está cuidando de mim desse jeito?”

Ela estala a língua me repreendendo, mas de uma maneira gentil. “O Senhor Stonehart me pediu para cuidar de você”, ela diz. “Mas não é por isso que estou aqui. Estou fazendo isso porque eu *quero fazer*, Senhorita Ryder.”

Olho para ela por sobre o meu ombro. Ela sorri para mim, as linhas do rosto tornando-a ainda mais compassiva.

Me pergunto como uma mulher tão doce como Rose se encontra trabalhando para um homem cruel como Stonehart.

“Muito obrigada”, eu sussurro.

“É um prazer”, ela diz. “Agora, quero você feche os olhos e relaxe. Eu prometo que, enquanto eu estiver por perto, nada de ruim irá acontecer.”

Rose veste meu corpo em um robe fofo e me tira do banheiro. Entramos na varanda coberta e descubro que todas as pistas deixadas na noite passada não existem mais. A mesa, os talheres, a louça quebrada—tudo isso se foi.

No lugar há uma cadeira de encosto elevado.

“Eu não poderia lidar com a ideia de ver você dormindo no chão”, Rose sussurra no meu ouvido. “Então, trouxe a cadeira para cá. O Senhor Stonehart não

lhe deu uma cama, mas não disse nada quando a outros tipos de mobília.”

Meu coração se enche de tanta alegria e esperança que até tropeço. Rose me segura antes que eu possa cair. Ela me olha, com olhos atentos de preocupação. “Senhoria Ryder? Você está bem?”

“Sim”, eu gaguejo. “Sim, estou”. Sinto lágrimas surgindo e não consigo detê-las. Não costumo chorar tão facilmente. Não sei o que deu em mim.

Num impulso, joga os meus braços sobre o pescoço de Rose e a aperto em um grande abraço. Ela fica vermelha quando me desprendo.

“Senhorita Ryder”, ela diz, claramente perturbada: “Não tenho certeza se mereço isso.”

“Você é a primeira pessoa a me mostrar um pouco de candura”, eu sussurro. “Rose, você não sabe o que isso significa para mim.”

Ela desvia o olhar por um segundo e

abana o rosto. Quando volta, seus olhos estão marejados. “Não quero desrespeitar a mim mesma”, ela admite, “...mas eu tinha minhas suspeitas”. Ela toma minha mão. “Venha. Vou vesti-la.”

Capítulo Onze

Rose sai depois de me ajudar a vestir minhas roupas. A única companhia que tenho é o pavor do retorno iminente de Stonehart.

Isso e a caixa de veludo deixada sobre o balcão do toucador.

Eu a olho sem pegá-la. Não *quero* os seus prêmios por bom comportamento. Mas o meu papel—balanço minha cabeça—meu papel é ser

submissa a ele. Quando minhas emoções levam a melhor sobre mim, como na última noite... coisas ruins acontecem.

Preciso ser fria, desapaixorada e distante para ter alguma chance de escapar. Tenho que pensar como Stonehart. Tenho que *ser* como Stonehart.

E não consigo saber quem ele é se eu enfiar a cabeça na areia.

Meus dedos tremem enquanto tento alcançar a pequena caixa. Eu hesito um

pouco antes de tocá-la e, apesar do meu embaraço, eu a movo com força.

É mais pesada do que a anterior.

Olho sobre os ombros para me certificar de que estou sozinha. Quando me certifico disso, empurro a tampa.

Uma folha de papel, pequena e dobrada, não deixa ver o que está embaixo. Vejo a letra de Stonehart. Repulsa se forma na minha garganta, mas eu tento dissimulá-la. Respiro fundo, canalizando minha força interior,

e desdobro o bilhete.

Lilly,

Pela sua colaboração na noite passada, um segundo prêmio. Eles não são pelo valor que têm, mas pelo que eles representam: liberdade.

Ganhe o suficiente e eles poderão ser trocados por uma recompensa. A rapidez com que você os ganha depende da sua obediência. Uma vez que você é presenteada, os Prêmios por Bom Comportamento não podem ser

jogados fora. Eles pertencem a você.

Progressão dos PBC:

(5) auferidos para poder caminhar por outros ambientes da casa;

(10) para ter acesso à parte externa da propriedade, ao ar livre;

(15) ter acesso a jornais para informar você dos acontecimentos atuais;

(20) acesso total à internet, com a ressalva de que a sua navegação será

monitorada por mim;

(35) saídas públicas ao meu lado;

*(50) uma libertação antecipada de
seu contrato.*

- J.S.

Eu olho fixamente para a última
linha do bilhete dele, custando a
acreditar no que vejo. Ele está me
oferecendo uma *libertação antecipada*
com cinquenta prêmios.

Eu sei que é apenas a maneira dele

de me atrair, me dando uma falsa
esperança. A falta de esperança leva ao
desespero. Esperança demais conduz à
audácia. Mas a esperança, quando
presente na quantidade certa, pode ser
um poderoso motivador.

Eu enfio o bilhete dentro do meu
bolso, mas me recuso a pensar sobre
coleccionar cinquenta prêmios. Ele é o
único que decide sobre isso. Ele é o
único a se manter na direção.

Ele nunca me deixará alcançar

cinquenta.

Mas quanto aos outros eventos importantes.... Penso que ele, genuinamente, quer dizer que eles sejam acessíveis.

Mais três e eu estarei autorizada a sair desses cômodos? Inferno, eu farei isso. Não é o espectro de uma falsa liberdade que me excita. Ao invés disso, é a oportunidade de explorar essa casa.

Será minha primeira aventura em reunir as informações de que preciso

para me vingar de Stonehart.... e arruiná-lo.

O segundo prêmio termina sendo um pesado bracelete de ouro que pus no meu tornozelo. Eu me pergunto se Stonehart espera que eu use todos eles caso eu os ganhe. Isso soa ridículo, especialmente quando se considera a quantidade elevada. Meu projeto imediato é ganhar cinco.

Talvez quinze.

Gasto o resto do meu dia ansiosa sobre a minha nova cadeira. Tudo o que posso fazer é esperar pela volta de Stonehart. Seja lá o que acontecer esta noite ou amanhã, não tenho a intenção de estar pronta esta noite.

Capítulo Doze

Estou quase caindo no sono quando a porta da varanda coberta bate forte. Eu me viro rapidamente, desperta na mesma hora, e encontro Stonehart me encarando.

“Como você conseguiu isso?”, ele pergunta de forma autoritária, apontando o dedo para a minha cadeira. Seus olhos brilham como brasas ardentes.

Me levanto e o encaro. “Boa tarde,

Jeremy”, eu digo, mantendo minha voz agradável.

Ele me surpreende, caminhando para cima de mim, e me dá um tapa no rosto com as costas da mão. A força do golpe me faz cair no chão.

“ME RESPONDA!”, ele ruge.

“Rose meu deu isso”, eu balbucio. Não é que Stonehart realmente tenha qualquer dúvida sobre quem *realmente* me trouxe a cadeira. Rose é a única pessoa que tem acesso aos meus quartos.

Stonehart pisca. “Oh, ele diz, com a raiva tomando corpo. Ele se põe de pé e ajusta o casaco. Assim que ele se dirige a mim, sua voz é friamente calma.

“Diga-me, Lilly. Você *pediu* a cadeira a Rose?”

“Não!”, eu respiro ofegante, levando a mão à boca. A última coisa que quero é que Rose tenha problemas por minha causa.

“Huuuummmm”, ele faz um gesto com a cabeça. “E você está falando a

verdade?”

Fui muito longe para voltar atrás agora. Eu consinto com a cabeça, olhando para ele com cuidado.

“Você sabe que eu tenho toda a intenção de descobrir?”, Stonehart afirma. “Se você mentir para mim, as consequências não serão boas, eu lhe prometo. Eu vou lhe perguntar uma vez mais. Você *pediu* a cadeira?”

“Não”, eu digo.

Ele ri, repentinamente, e me dá a

mão. “Bom! Não há problema aqui.”

Eu hesito antes de dar a mão.

Minhas bochechas estão ardendo.

Provavelmente, já estão inflamadas, mas eu não quero dar a ele a satisfação de me ver com medo.

Seus dedos fortes se enrolam em volta da minha pequena mão e ele me ajuda a levantar. Quando estou ficando de pé, ele olha o meu vestido.

“Muito bom gosto!”, ele me diz.

“Embora haja uma pequena dobra aqui.

Deixe-me ver...”, ele levanta a saia até a minha cintura. Eu luto contra a tentação de agarrar o vestido para baixo. Ele pega nas minhas pernas nuas. Quando os olhos dele se fixam no meu corpo exposto, não consigo evitar a pequena onda de calor que toma conta de mim. Puta merda, essa *não* é a reação que eu deveria ter com ele!

Ele deixa cair o meu vestido.

“Muito bom”. Agora gire para que eu possa vê-la. Você o fará, Lilly-flor?”

Eu aperto os lábios e dou um pequeno sorriso, então, giro uma vez.

“Magnífico”, Stonehart suspira. Ele pega minha mão esquerda e toca o bracelete. “Acho que você recebeu o meu bilhete.”

“Sim”, respondo.

“Você o entendeu?”

Eu confirmo com a cabeça. “Sim”.

“Bom. Porque se você continuar desse jeito, não terei escolha, a não ser

acelerar a progressão das suas liberdades. Quero você do meu lado. “Lá fora.”

Minha respiração acelera ao ouvir isso. “Darei o melhor de mim para ganhar prêmios por bom comportamento”, eu digo.

Stonehart sorri. “Excelente”. Ele olha por sobre os ombros para o céu lá fora, que está escurecendo. “É uma vista bonita, não é?”

“Sim”, eu digo.

“Você gosta?”

Eu mordo o lábio para impedir que a verdade venha à tona. Eu outras condições, eu adoraria isso, mas eu odeio a vista em virtude da falsa promessa de liberdade.

“Sim, eu gosto.”

“Estou feliz”, ele diz. “Lilly, vou ser franco. Tive um longo dia de trabalho. Depois de nossas... aventuras... na noite passada, não parei de pensar em você o tempo todo em que

estive lá.”

Eu engulo a saliva. “Oh!”. Minha voz murmura.

“Sim. *A coragem* que você mostrou me enfrentando foi extraordinária. Na verdade, brilhante.”

Olho para ele sem entender. “O quê?”

“Eu não sei”, ele prossegue, ignorando minha pergunta, “se apenas um prêmio foi suficiente. Acho que você merece mais. Além do mais—” ele enfia

a mão no bolso do casaco, “gostaria de presentear você com outros três.”

Meu coração quase sai pela boca. Três significam que terei *cinco*, o que quer dizer que posso trocá-los pela minha primeira liberdade! Sinto a umidade se formando atrás dos meus olhos e olho adiante, envergonhada por estar chorando. Mas elas são lágrimas de alegria, uma mistura de crença e de descrença.

“Lilly”, Stonehart me lembra. Olho

para ele e para sua mão estendida. Nela há uma máscara vermelha e bonita, toda feita com penas deslumbrantes. “Ponha em você.”

Minha respiração dispara. Esta é a *primeira*. Ele estava mentindo? Seria a promessa de mais três prêmios uma cilada?

“Não é seu PBC”, ele diz, como se estivesse lendo a minha mente. “Mas preciso que o use antes que eu possa lhe mostrar o que é.”

Pego a máscara na sua mão. Nossos dedos se tocam gentilmente e uma espécie de descarga elétrica corre pelo meu braço. Amaldiçoo minha fraqueza.

“Ponha-a sobre os olhos”, ele sussurra. Ele segura os meus ombros e, gentilmente, me faz girar. “Vou amarrar a máscara para você.”

Seguro a máscara sobre o meu rosto. Stonehart põe o meu cabelo para o lado, com um sopro suave, e amarra as duas pontas. Suas mãos correm pelo meu

pescoço nu, passando sobre a coleira sempre presente.

Ele aproxima o nariz da minha orelha e me cheira de forma profunda. “Você está muito perfumada”, ele diz, sua voz sexy e rouca fazendo todo tipo de sentimentos inapropriados brotarem nas minhas entranhas.

Tenho que lutar contra o efeito dele sobre mim. Como pode o meu corpo *responder* a ele dessa maneira?

Racionalmente, isso não faz sentido.

Minutos atrás, esse homem me batia! Por que minha reação a ele muda tão rapidamente?

Ele continua e, imediatamente, minha pele estremece pelo seu toque. Respiro fundo e me viro para ele: “Como estou?”

“Bonita”, ele sorri. “Você gostaria de ver?”

Não tenho tempo de considerar a oferta, visto que ele pega o celular e tira uma foto. Isso parece agradá-lo.

“Esta”, ele diz, virando o visor para que eu possa ver, “é uma mulher enlouquecedora.”

Eu quase perco o ar quando vejo a foto. Minha bochecha está radiante e mais volumosa no lugar onde ele me bateu.

Não suporto me ver assim. “Por favor”, digo a ele, “guarde isso.”

Ele franze a testa. “Você não acha que está bonita?”. Ele põe o celular bem na minha frente.

“Jeremy, por favor”, eu imploro.

“Não me obrigue a olhar.”

“Oh”, ele diz bem devagar, como se a ficha tivesse caído. “Você está incomodada por... *isso*.” Ele levanta o meu queixo. Eu estremeço com a ponta do seu toque.

“Por favor, Jeremy.”

“Está bem”. Stonehart guarda o celular no bolso. “Uma pequena imperfeição simplesmente torna você ainda mais bonita.”

Sinto um desejo irresistível de gritar com ele, de pedir a ele que pare com os elogios zombeteiros.

Lembrando-me de onde aquele tipo de comportamento me levou a noite passada, eu freio o impulso.

Não pronuncio uma palavra sequer. Estou com medo do que pode acontecer se eu abrir a boca.

Stonehart se move até a cadeira. “Devo me sentar?”, ele pergunta. Ele me oferece o braço. Eu o seguro e ele me

conduz até a cadeira.

O que essa charada significa, não tenho a mínima ideia.

Ele se senta primeiro. Depois, ele oferece o colo. “Aqui, Lilly.”

Não consigo desobedecer uma ordem tão direta. Engulo a saliva e me sento sobre as suas pernas. Ele cruza as mãos em volta da minha cintura fina.

“Relaxe”, ele sussurra no meu ouvido. “Você está tensa. Os seus PBCs estarão aqui em breve.”

Eu tento me arranjar sobre ele como ele gosta. Meu corpo naturalmente quer estar dentro dele e eu luto contra a urgência. Estar junto de um homem tão viril me faz fraca.

Odeio que eu não consiga controlar a reação. Depois de tudo o que ele me fez, e da promessa de tudo o que está por vir, a única coisa que eu *deveria* sentir com relação a ele é repulsa.

Bem lá no fundo, na minha essência, o desejo luta para ganhar vida como uma

semente em busca da luz do sol.

Eu piso duro, sem piedade.

Sinto o celular de Stonehart tocar no seu bolso. Ele tenta pegá-lo. “Oh”, ele avisa. “Eles estão aqui.”

Ele toca a tela e as luzes da sala se apagam. A única que fica acesa é o projetor que birlha sobre a coluna. Dá uma sensação estranha olhar para ele do lado de fora.

“Jeremy”, eu pergunto tensa, “o que está acontecendo?”

“Não se preocupe”, querida. “Eu contratei algumas pessoas para nos entreter esta noite”. “Aqui estão *três* deles.”

Justo nesse momento, os músicos barrocos começam a entrar na sala. O som enche o ambiente, dando a impressão de ser uma orquestra ao vivo. Deve haver alto-falantes escondidos no teto e nas paredes.

Ouçõ a porta atrás de nós se abrir. Torço o meu pescoço. A luz atrás deles

ilumina dois homens, vestidos de preto, apressados para ocupar um pequeno espaço através da porta. Eu assisto, com uma mistura de apreensão e curiosidade se formando nas minhas vísceras, à medida que eles andam rápido e ocupam um lugar no chão sob a luz. Eu me levanto para ver melhor e a mão de Stonehart aperta o meu quadril.

“Fique onde está”, ele avisa.

Retomo a posição anterior. Os dois homens voltam com um colchão e o

colocam no topo do quadro. A música continua ao fundo. Um dos homens abre um lençol e o outro se move rapidamente para pegar um travesseiro. Em questão de segundos há uma cama bonita, e perfeitamente arranjada, no centro do ambiente.

“Sei o que você está pensando”, Stonehart sussurra, “mas não, aquela cama não é para nós. Pelo menos, não para esta noite”. Sua voz se torna mais baixa e em tom mais profundo. “Ao

invés de *nós* transarmos”, ele diz com a voz rouca ao meu ouvido, “pensei que poderíamos ver outras pessoas fazerem isso.”

“O quê?”, eu pergunto, em tom de desaprovação.

“Você me ovuiu”. As mãos de Stonehart apertam a fivela do meu cinto em sinal de proteção. “Aproveite o espetáculo.”

A música começa. Três lindas mulheres se arrastam para dentro. Cada

uma veste um longo vestido de pura seda. As graciosas vestes se diferenciam apenas na cor. Um é vermelho, o outro violeta e o último é azul.

As três mulheres seguram as mãos e começam a girar em torno de nós, como graciosas bailarinas. Seus passos são compassados, de acordo com a música. Elas riem sem parar, enquanto jogam fitas de renda para o ar.

Stonehart dá um passo para trás, claramente confortável. Sento-me no seu

colo, grudada nele como uma corda no violino.

Quando uma das dançarinas caminham para a cama, as outras a seguem. Ela dá um passo atrás, com seu cabelo escuro espalhado em volta da cabeça, e acena para uma de azul para beijá-la.

Elas começam a transar de forma quente, sensual e vigorosa. A terceira mulher acaricia gentilmente seus corpos juntos.

Menos de um minuto depois, sinto a mão de Stonehart subindo pela minha perna. Eu me contorço e aperto os meus joelhos um no outro, tentando detê-lo.

“Lilly”, ele fala no meu ouvido, “o espetáculo está me deixando excitado.”

Seu rosnado ao pé do ouvido faz o meu clitoris pulsar. Eu tento me livrar da sensação.

Stonehart não é um bom homem, quero gritar para o meu corpo. Pare de reagir a ele!

Felizmente, sua mão não vai além da minha coxa. Meus olhos se voltam novamente para as três amantes. Elas tiraram os tops e estão transando, absolutamente desinibidas por estarem sendo vistas. Há algo bem sutil e sensual na forma como os corpos delas ficam juntos. Não é grosseiro nem forçado, porém mais suave, mais parecido com arte. Mais parecido com... uma transa *real*.

Uma outra vibração inconsciente de

calor corre pelo meu corpo. Eu raspo a garganta para tentar esquecer a mão de Stonehart repousando contra a minha pele desnuda.

Isso simplesmente chama a atenção dele para mim.

Minha respiração acelera quando Stonehart força sua mão dentro do pequeno espaço entre minhas coxas. Emoções conflitantes surgem em mim: repulsa pelo modo como meu corpo responde a ele. Nojo pelo fato de ele me

deixar sem forças. E, acima de tudo, uma onda inegável de *necessidade*.

Tento ignorar tudo isso. Tento ignorar o que está enchendo o ambiente. Tento fingir que os dedos que estão me tocando não estão lá.

Mas quando a primeira onda de prazer se espalha pelo meu corpo, não posso evitar um brusco movimento respiratório. Stonehart faz um barulho em sinal de alegria, atrás de mim, e redobra os seus esforços. Eu estremeço

quando outra onda de prazer agita o meu corpo. Quero tirar sua mão, para interromper o ataque aos meus sentidos. Mas não consigo. Não estou *autorizada* a lutar contra ele... não a menos que eu queira evocar a sua fúria.

Em vez disso, enfio minhas unhas nos braços da cadeira. Os dedos de Stonehart continuam a se mexer, fazendo o meu corpo vibrar como uma arpa bem afinada. A escuridão da sala e a performance anterior não deixa minha

mente se focar em nada mais a não ser em *sexo*. Meu coração bate mais rápido, minha respiração se acelera. Posso sentir minhas mamas ficando mais pesadas e macias. Faço tudo o que posso para lutar contra a reação visceral e animal que Stonehart evoca em mim.

Não é comum. Dou um novo gemido assim que mais uma onda de prazer enfraquece minhas defesas. As três mulheres estão agora totalmente

consumidas em uma ponderosa *ménage a trois*. Seus gritos e gemidos, e todos os sons fingidos de sexo, invadem os meus ouvidos, tornando impossível *não* me sentir excitada.

“Você está quase”, Stonehart falou rouco ao meu ouvido. Eu mordo o lábio e dou um soluço abafado, balançando minha cabeça.

“Você está quase. Posso sentir”. Sua mão livre se levanta e amassa o meu seio. O ar deixa meus pulmões prestes a

explodir.

“Goze para mim, minha flor”,
Stonehart diz. “Goze para mim agora!”

O comando faz abrir as comportas.
Eu respiro ofegante com a enorme e
intensa onda de excitação que toma
conta do meu corpo. Nesse momento, eu
flutuo, perdida no mar de puro êxtase,
antes de voltar à terra.

Stonehart dá um gemido de
estremecimento e tira os dedos de entre
as minhas pernas. “Experimente”, ele

ordena, levando-os à minha boca.

Não tenho escolha, a não ser lambê-los, pela primeira vez na vida, experimentando meus próprios fluidos. Stonehart tira os dedos da minha boca e os leva à própria boca. Seus braços se soltam sobre a minha cintura. Não tenho resistência e o meu corpo se funde ao dele.

Capítulo Treze

Acordo tarde na manhã seguinte.

Estou sozinha. Estou com torcicolo por ter dormido de maneira errada na cadeira.

Stonehart acordou e foi embora logo depois de me levar ao orgasmo. Fui deixada sozinha naquele lugar, como uma espectadora desconfortável. As garotas não me deram nenhuma atenção. Quando a brincadeira delas realmente

acabou, repousaram na cama em um doce e destemido abraço por muito tempo. Eu não me atrevi a me levantar ou falar com elas, mesmo sem a presença de Stonehart. Não quero quebrar nenhuma de suas regras.

Primeiro, eu não estava certa sobre quanto tempo elas estariam por lá. Mas, eventualmente, elas se levantaram, uma a uma, e saíram. Caí no sono, na cadeira, logo depois. Lembrando-me das reações de Stonehart quando ele me

encontrou na cadeira, não quero me arriscar a ir para a cama.

Eu estico e giro meus ombros, tentando me livrar da compressão. O sol matinal se reflete no mar de vidro lá fora, banhando a varanda com uma luz suave e fresca.

Entusiasmo toma conta de mim quando me levanto. O dia está bonito e, em breve, estarei livre para aproveitar minha primeira saída.

“Quem é você, Stonehart?”,

murmuro em voz baixa. Hoje, pretendo descobrir.

Vou à sala do café da manhã, onde minha comida está esperando por mim. Há um bilhete dobrado sobre o prato.

Sento-me e o abro.

Lilly,

Uma inesperada viagem de negócios me levou a me ausentar. Estarei fora por três dias. Não me esqueci da sua recompensa. Você encontrará a porta na sua frente

destrancada. Eu aumentei o limite da coleira. Você está autorizada a ir a qualquer lugar na minha casa, menos no meu escritório. Rose será sua guia.

Não deixe a casa. Você sabe o que acontecerá se você desobedecer.

Eu espero que você não me dê motivos para me arrepender da minha decisão.

- J.S.

O bilhete cai da minha mão e fico de pé sobre pernas bambas, e me

esqueço da comida.

A porta está destrancada.

Eu caminho para lá, maravilhada.

Minhã mão se aproxima da fechadura.

Respiro fundo e a empurro para baixo.

Incredulidade toma conta de mim e sinto o movimento da maçaneta sob meus dedos. A fechadura se abre e empurro a porta para a frente.

Um corredor comprido se apresenta atrás de mim, iluminado por luzes

discretas, dispostas ao longo do teto. As paredes de blocos de concreto estão pintadas com um marrom-terra. Um piso de madeira vermelha, envernizado, reflete a luz.

Eu levo uma das mãos trêmula e a levo à coleira. É isso. Quando eu der o meu primeiro passo, saberei se Stonehart está jogando um outro jogo cruel comigo, ou se ele, na verdade, vai cumprir sua palavra.

Adrenalina pulsa pelo meu corpo

quando movo meu pé bem devagar sobre o piso de madeira pesada.

Cuidadosamente, movimento meu peso sobre ele... e espero.

Nada acontece.

Me ponho contra a saída da porta e me atiro para a frente. Dou alguns poucos passos cautelosos adiante, esperando pelo formigamento revelador sob a minha orelha.

Nada.

Muito surpresa, continuo a

caminhar. Bem devagar.

Stonehart disse a verdade.

Com um aperto no coração, faço o meu caminho para fora do *hall*. Minhas mãos estão esticadas dos dois lados, deslizando sobre as paredes. A sensação é de que o cimento grosso sob meus dedos é elétrico.

Olho sobre os ombros a cada passo, custando a acreditar que isso é verdade, meio que esperando levar um choque a qualquer momento.

Ao final do corredor há um conjunto de portas grandiosas de carvalho. Elas me lembram as que vi no escritório de Stonehart. As mesmas que vi seis semanas atrás.

Jesus Cristo, tenho estado aqui faz muito tempo. Paro por um momento e me pergunto se alguém, lá fora no mundo, está perguntando por mim.

Mas por que eles perguntariam? Eles, provavelmente, acham que estou ocupada, trabalhando. Droga, eles

devem é estar felizes, possivelmente, por eu não ter ligado para eles ainda. O que deve significar que estou muito ocupada vivendo o meu sonho.

Dou uma risada amarga. Se eles pelo menos soubessem...

Abro o último conjunto de portas e chego a uma entrada maravilhosa. Não. Maravilhosa não é o suficiente para descrevê-la. É, simplesmente... sublime.

É um espaço circular sobre o térreo,

bem acima de mim—bem mais alto do que o teto da varanda—de onde pende um lustre de cristal puro. Penso que ele deve custar mais caro do que todo o prédio onde ficava o meu velho apartamento em Palo Alto.

As escadas em espiral, do lado de fora da sala, levam ao segundo andar. À minha esquerda, duas enormes portas de entrada estão circundadas por duas janelas estreitas. Vou até uma delas e olho para fora.

O ar deixa meus pulmões ofegantes.

O gramado em frente se estende até onde a vista pode ver. Um caminho serpenteia por ele, se dividindo em uma espécie de desvio na frente da mansão. Há uma bonita e branca fonte de barro com dois anjos em forma de amantes bem no meio, parecendo maiores do que a vida.

Abetos altos e sempre-vivas estão em ambos os lados da calçada, como soldados em ação. Estou certa de que se eu puder ver todo o caminho até o final,

haverá um maciço portão de aço.

Degraus sobre o piso de mármore me fazem pular e virar para o lado. Meu coração está batendo na boca assim que meus olhos veem Rose, descendo a escada e sorrindo, carinhosamente, para mim.

Dou um suspiro de alívio.

“Senhorita Ryder”, ela diz, dando uma pequena tossida. “O Senhor Stonehart me disse que a esperasse hoje.”

“Por favor, Rose, não há necessidade de formalidades”, eu começo. Eu parei de falar quando vi seu olhos se baixarem. Segui o seu olhar e encontrei uma câmera apontada para nós.

Seus olhos se voltaram para mim, me segurando com carinho e doçura, mas com precaução. “O Senhor Stonehart me pediu que lhe mostrasse o lugar.”

Raspo a garganta. “Sim”, eu digo.

“Por favor.”

Rose dá uma piscadela quase imperceptível e se volta. “Siga-me.”

Enquanto sigo atrás dela pelos cômodos, não posso parar de pensar em como esse lugar tem um quê de extravagante. Stonehart vive aqui sozinho. Ele deve viver só, visto que não vi nenhum sinal da presença de uma mulher. Sim, eu sei que ele é rico, mas tendo tanta metragem quadrada só para ele me faz sentir desconfortável.

Por que uma pessoa precisa de tanto espaço? O que ele está tentando provar? O que ele está tentando esconder?

Outra além de você?, uma voz duvidosa me pergunta.

De vez em quando, Rose para sem motivo aparente e olha para trás para me ver. A cada hora, um pequeno gesto dela me alerta para a presença de outra câmara. Eu percebo o que ela está fazendo e não posso lhe ser mais

agradecida por isso. Rose está me lembrando de que toda a nossa interação está sendo monitorada por Stonehart.

“O Senhor Stonehart se entretém com frequência?”, pergunto uma hora mais tarde, quando voltamos para a entrada principal.

“Ah, não”, Rose sacode a cabeça. “Ele nunca convida as pessoas para vir aqui. Ele tem um apartamento na cidade para esse tipo de coisa.”

“Ele gasta muito tempo lá?”

“Não desde que você veio para cá”, ela me diz e sorri. “Senhorita Ryder, desculpe-me minha franqueza, mas eu realmente preciso lhe dizer algo.”

“Diga”, eu peço.

“Bem, não sei os detalhes de sua combinação com o Senhor Stonehart, e não é meu papel perguntar, mas eu apenas quero dizer que, desde que ele recebeu você na vida ele, o Senhor Stonehart é um outro homem. Nunca o vi tão feliz.”

Eu franzo as sobrancelhas, me perguntando se isso é um teste que Stonehart pediu a Rose para fazer comigo. Me lembro da câmera sobre mim. “Obrigada”, eu digo sem me comprometer.

Ela faz sinal positivo com a cabeça, de uma forma que certamente significa: “Ótimo”. E Rose vai embora.

“Tenho que seguir o meu caminho agora”, ela diz. “Não há nada mais para eu lhe mostrar.”

“Aonde você está indo?”

“Para casa.”

Meus olhos se arregalam. “Você quer dizer que não vive aqui?”

“Claro que não! Sempre preferi ter minha própria cama. Principalmente, quando o Senhor Stonehart não está por perto para me chamar.”

“Certo”, eu digo, processando essa nova informação. Stonehart está confiando em mim para me deixar *sozinha* nessa casa inteira? Ele deve ter

montado uma arapuca. Tenho que seguir com cuidado.

“Charles—o cozinheiro—estará aqui em breve para fazer o seu jantar”, Rose diz. “Você pode se apresentar, se quiser, mas seja cautelosa: ele não é muito de falar.”

“Eu serei, Rose. Obrigada por me mostrar tudo.”

“O prazer foi meu. Qualquer coisa que faça Stonehart feliz, também me faz feliz, e *você* o faz muito feliz. Ela

caminha na minha frente até a porta.

“Adeus.”

Depois que as portas se fecham, fico ali de pé pelo tempo mais longo. A casa está em silêncio. A única coisa que posso ouvir é o sangue pulsando nos meus ouvidos.

Isso deve ser um teste, digo a mim mesma. Não é possível que Rose tenha um lugar para si.

Stonehart não arriscaria que ela descobrisse sobre mim e disparasse o

alarme. Isso não é tão simples.

Um terrível pensamento se arrasta para as profundezas da minha mente. Stonehart não arriscaria que Rose soubesse sobre mim... *a menos que ela esteja nisso também.*

Esse pensamento faz minha pele se arrepiar. Poderia a gentil e doce Rose estar envolvida na minha prisão? Poderiam ela e Stonehart estar *ambos* envolvidos nisso?

Após pensar nisso por um tempo,

vejo como isso pode fazer todo o sentido. Qual é a *verdadeira* relação de Rose com Stonehart?

Eu não sei. Mas, seja o que for, pretendo descobrir. E, até que eu descubra, tenho que me lembrar de me manter em guarda quando perto dela— não importa o quanto isso possa me machucar.

Não tenho amigos aqui. Pensar que tenho seria loucura.

Esse é um pensamento sombrio e

deprimente.

Capítulo

Catorze

Caminho pela mansão inteira, não toco em nada, mas guardo o estilo na minha mente. Stonehart me disse que ficaria fora por três dias. Planejo usar bem esse tempo.

Há uma piscina, um bar e um teatro na casa. A piscina é uma completa piscina olímpica. Nunca gostei muito de

nadar, mas meu corpo está pedindo exercício físico. Fazer algo extenuante pode esvaziar minha mente. Dou uma olhada para ver se o meu armário inclui roupa de banho para esta noite mais tarde.

Olho para o bar e o encontro repleto de todo tipo de licor. Eu me debato me servindo um copo—Stonehart nunca mencionou restrições de consumo. Em última instância, decidi não beber. Quem sabe se ele tomará isso como uma

transgressão.

Volto ao piso principal e dou um segundo giro pela mansão. Estou procurando por algo que me dê uma pista sobre a pessoa de Stonehart. Se busco tenzmente uma informação e a encontro, posso usá-la contra ele, e esse seria o melhor lugar para começar.

Infelizmente, minha busca é infrutífera. Ainda não sou corajosa o suficiente para abrir gavetas e portas fechadas, mas ainda que fosse, duvido

que encontraria muita coisa. A casa é estéril. É bem decorada, com mobília moderna, marcando a arquitetura.

Entretanto, ela mais se parece com uma sala de exposição do que uma casa *de verdade*. Os poucos quadros na parede são genéricos e insossos. Não há desordem em lugar nenhum e nem mesmo uma poeira sequer, que possa me dar alguma pista sobre que cômodos são mais usados do que outros.

Andando em volta não me dá a

impressão de quem é Stonehart como *homem*.

Por acaso, encontrei meu caminho para uma das salas de estar. Dois sofás de couro permanecem de frente um para o outro, de frente para uma lareira a gás. Achei o interruptor e o liguei. As chamas surgiram, dançando atrás do vidro. Sentei-me para observá-las.

Às seis da tarde, exatamente, uma campainha soa no fundo do corredor. Curiosa—mas receosa—me ergo para

ver o que é. Caminho até a cozinha e encontro uma refeição completa sobre a mesa de jantar.

Não há nem sinal de Charles.

“Olá!”, eu chamo. Após o aviso de Rose, nem me lembrei do cozinheiro, mas agora parece ser o momento certo de pelo menos agradecê-lo. “Há alguém aqui?”

Silêncio.

Com a testa franzida, me sento à mesa e encontro um outro bilhete.

Lilly,

Estou contente com o seu

comportamento esse tempo todo.

- J.S.

Um piso range atrás de mim. Viro
minha cabeça para ver em volta.

Não há ninguém aqui.

Respiro devagar, compassadamente,
para desacelerar meu coração
apressado. Como pode Stonehart estar
“contente” com o meu comportamento se

ele está em uma viagem de negócios?
Rose me mostrou as câmeras mas,
certamente, Stonehart tem coisas mais
importantes para fazer do que me vigiar.

Então, novamente... Olho para o
bilhete mais de perto. Está escrito no
mesmo papel azul que os demais. Não é
uma mensagem enviada por fax.

A resposta óbvia é que ele escreveu
o bilhete antes de viajar e pediu a
Charles que o entregasse a mim. Ou,
quem sabe, ele escreveu *dois*—um

dizendo que ele está contente, outro dizendo que está descontente—e, dependendo do que Rose retransmitiu, Charles me deixou o mais apropriado.

Isso faz mais sentido. Isso também significa que fui aprovada no teste que Rose me fez passar. Por um momento esquecido, eu tripudiei sobre aquele sentimento, feliz por ter feito tudo certinho...

Volto a mim mesma com um tremor violento. *Não* estou aqui para estar feliz

porque fiz Stonehart feliz. Pelo menos, não intrinsecamente! Tudo está previsto para ser encenação.

Exceto... o que acontece quando a encenação se torna realidade?

Perdida a fome, empurro a comida para o lado e me levanto. Stonehart faz menção ao seu escritório no bilhete esta manhã. Rose não me mostrou o escritório durante nosso passeio. Deve ter sido um simples descuido da parte dela. No entanto, eu sei que o escritório

de Stonehart é o único lugar nessa mansão inteira onde eu, possivelmente, vou encontrar algo que vai me ajudar na minha procura.

Consulto a planta do imóvel que construí na minha cabeça. É dividido em duas grandes asas enormes e o *hall* de entrada. Há três andares: o térreo, o piso principal e o topo. A varanda é parte da asa leste, de frente para o Oceano Pacífico.

Nada mais do que o desejo de

gastar o mínimo de tempo possível naquela área, vou para o oeste para renovar minha busca.

Ando pelo corredor largo sozinha, meus pés fazendo um barulho contra o piso frio. Passo para um cômodo vazio após outro. Oh, eles têm alguma mobília, mas eles *parecem* vazios. Vazios, abandonados e negligenciados. Ninguém nem mesmo vive lá.

Minha busca pelo piso principal não resulta em nada. E já estive no térreo—

mais de uma vez. Caminho de volta ao *hall* de entrada e subo as escadas.

Paro na soleira do quarto maior. É o maior cômodo da casa, maior até do que a varanda. É construído no mesmo estilo. Janelas que vão do piso ao teto, com vista para o oceano. Rose meio que ignorou esse cômodo quando passamos.

Paro e olho com cuidado, pensando muito. Stonehart me disse que eu não poderia entrar no seu escritório. Ele não mencionou o quarto dele.

A menos que ele considere o seu quarto o seu escritório, penso comigo mesma. Não acredito que seja esse o caso, mas mesmo assim sigo com cautela.

Arrumo a coleira no meu pescoço, rezo rapidamente, pedindo para que não o ative, e entro.

Eu aperto os meus olhos fechados e espero. Como nada acontece, eu os abro bem devagar. Sinto um calafrio quando me dou conta de que estou no quarto de

Stonehart. Estou, na verdade, *no* seu quarto. Me pergunto quantas outras mulheres estiveram aqui.

Dou um pequeno passo para a frente, ainda me esforçando para sentir o instantâneo aviso de choque que minha coleira me dá. Meu estômago revira quando me lembro da agonia que experimentei quando fui além do meu limite naquele primeiro dia.

Um passo, e espero. Mais um passo, e espero. Sigo assim por todo o

percurso até a parede de vidro. Quando finalmente chego lá, dou um suspiro de alívio. Stonehart não mentiu: eu realmente *estou* autorizada a entrar em qualquer porta destrancada.

Olho para trás, para a cama. É a maior que já vi. É pelo menos duas vezes maior do que o modelo Califórnia King. Por que um homem solteiro precisa de tanto espaço?

Mas tudo que diz respeito a Stonehart é maior do que a vida. Ele me

disse que é um homem que *pode*, então ele *faz*. Suponho que tudo isso—a mansão, a cama, a vasta demonstração de riqueza—é a manifestação disso.

Caminho até a cama, tão perto que minhas canelas quase podem tocá-la. Sinto como se estivesse desrespeitando um lugar sagrado. Eu me abaixo para sentir as cobertas pretas, mas paro logo.

Parece, realmente, que sou uma intrusa. Não quero fazer nada que faça Stonehart ficar enlouquecido.

Logo após, pelo canto dos meus olhos, vejo um movimento contra a parede. Giro o corpo em direção a ele—mas não há nada lá.

Estranho, eu penso. Devem ser meus nervos pregando uma peça em mim. Me sentindo decididamente desconcertada, começo pela porta...

E paro novamente quando sinto um fina brisa batendo contra o meu rosto. As janelas estão todas fechadas. De onde veio o vento suave?

Olho de volta para a parede e é quando vejo algo: uma pequena rachadura, vertical, que parece suspeita na composição da porta.

Olhando em volta para me certificar de que ainda estou sozinha, ando na ponta dos pés, cuidadosamente. Quando estou de pé ao lado da parede, posso ver que *sim*, que *é* mesmo uma porta secreta.

Contra a minha vontade, e com o meu coração batendo acelerado, eu a empurro para a frente.

A porta se abre.

O ambiente é escuro. A única coisa iluminando é uma série de telas de televisão pretas sobre a parede oposta. Há dúzias delas, quase como se fosse uma loja de produtos eletrônicos. Não há um monitor de video, mas as telas estão lá, no entanto.

Uma sensação desconfortável faz meu estômago se contorcer. É mais do que ansiedade. Não creio que eu deveria estar nesse lugar.

Mas, não estou quebrando nenhuma das regras de Stonehart. Ele me disse que posso andar por todas as portas destrancadas. Esta, definitivamente, não está trancada.

A curiosidade me move para a frente. O primeiro passo que dou é curto. Se eu não estiver autorizada a entrar aqui, a coleira vai me alertar quanto a isso.

Fico tensa e espero pelo aviso de choque. Deve ser a centésima vez que

espero por isso só hoje. Eu ainda não consigo me acostumar com o fato de que estou livre para passear pela casa de Stonehart.

Há uma cadeira no centro do quarto que parece ser usada para uma espécie de comando. Vejo um teclado sem fio e um mouse combo na superfície envernizada. Há uma cadeira atrás, de frente para a parede onde estão as telas de tevê.

Esse é o primeiro cômodo que acho

que, na verdade, contém algo que me ajudará na minha procura. Não há sinais de aparelhos eletrônicos em outras partes da casa.

Meu coração dá solavancos quando dou meu segundo passo depois da porta. Um pensamento horrível vem à superfície: *E se esse for o escritório de Stonehart?*

Ele me proibiu expressamente de entrar. Se for essa sala, então estou desobedecendo uma ordem direta.

Olho em minha volta outra vez.

Talvez eu devesse sair daqui e mesmo esquecer esse lugar? Talvez seja a aposta mais segura...

Mas, não, não consigo. Está fora de hora para algum atrevimento. Stonehart quer que eu seja submissa e me dê por vencida. Isso só se aplica quando ele está por perto. A *ameaça* de sua presença não deveria me fazer parar. Tenho que exercitar algum nível de audácia se tenho ainda qualquer

esperança de permanecer sana.

Não consigo protestar muito bem quando ele está por perto, mas com ele fora por três dias, eu posso. *Preciso* fazer alguma coisa para provar a mim mesma que não sou fraca.

Além do mais, por que ele faria *desse* lugar escuro o seu escritório? É pequeno e estreito. Não há janelas. Parece mais uma cabine do que uma sala de verdade, especialmente se comparado à extravagância do restante

desta casa.

Isso sela a minha decisão. Não me foram dadas instruções de não *tocar* em nada.

Me aproximo da mesa e me sento na cadeira. Meu coração está batendo tão rápido que receio que ele saia do meu peito. Minha mão treme quando pego o mouse e o pressiono ligeiramente.

De repente, imagens ocupam as telas. Demoro um momento para entender que estou olhando para elas.

Quando vejo, uma sensação de vertigem me atinge.

Elas são a fonte de todas as câmeras de segurança na casa.

Vejo os pontos que Rose me mostrou: o *hall* de entrada, os múltiplos corredores, a cozinha. Mas também vejo algo que eu não sabia que existia. Há seis vistas da varanda. Quatro do meu banheiro—incluindo uma bem acima da banheira. Vejo meu toucador sob um ângulo pouco familiar. Levo um tempo

para entender que a câmera está *atrás* do espelho.

Um sentimento de náusea toma conta de mim. Sei que Stonehart controla todos os aspectos da minha vida aqui—mas eu não sabia *quão* bem posicionadas as câmeras estão. Não há um centímetro sequer de espaço que não seja monitorado em toda a prisão. O que significa que o tempo todo—todo o tempo em que tenho estado aqui—Stonehart tem monitorado cada

movimento meu.

Repulsa e nojo crescem no meu peito. Me levanto da cadeira. Não tenho apenas estado como uma prisioneira, mas também tenho estado em *exposição*, como um animal num circo. Meus olhos se movem em direção à tela que mostra o meu *closet*. Ele me vê me trocar. Olho para a câmera que mostra a coluna à qual fico atada. Ele tem me visto chorar. As telas brilham ameaçadoramente para mim. Ele tem visto *tudo*.

Minha cabeça começa a girar.

Preciso sair daqui. Me ponho de pé, quando uma voz fria me interrompe.

“Lilly.”

Eu fico gelada. Todos os meus músculos se contraem de pavor.

Me viro, aturdida, como num sonho, e vejo Stonehart me encarando na entrada da porta.

Estou em estado de choque para responder. O que *ele* está fazendo aqui? Ele deveria estar longe.

“Oi, Lilly”, ele diz. Ele olha para mim. “Faz parte das boas maneiras responder a um cumprimento, você sabe.”

“O-oi”, eu gaguejo. A voz de Stonehart é calma, mas seus olhos disfarçam o perigo escondido no seu rosto.

Estúpido, estúpido, estúpido!, eu repreendo a mim mesma. Eu nunca deveria ter vindo aqui. Agora que ele me pegou, não consigo sequer imaginar

o que vai fazer.

Stonehart caminha para dentro da sala. Ele vem na minha direção. Estou muito assustada para me mover. Meus pés parecem ter criado raízes no piso.

Seu péssimo temperamento, ameaçador, é demais para eu enfrentá-lo. Eu desvio o olhar e olho para baixo.

Ele para na minha frente. Posso ver o formato dos dedos nos seus sapatos. São sapatos elegantes, pretos, com finos laços de couro. Sapatos regulares.

Normais. Não são sapatos de um maníaco—

Ele toca o meu queixo e levanta a minha cabeça. Minha respiração se acelera quando encontro os seus olhos.

Ele olha para mim por um bom tempo. Eu quero me desvencilhar de seu toque, mas estou com medo de tornar as coisas piores.

“Você está tremendo”, ele observa. Sua voz é calma. “Por que fez isso?”

“Eu-eu não sei”, digo.

Ele faz um som de descontentamento com a garganta. “Não minta para mim, Lilly.”

Eu engulo a saliva e olho para longe. Ele puxa minha cabeça de volta.

“Você está com medo?”, ele pergunta. Eu espero encontrar um pequeno traço de triunfo em sua voz, mas não. Está calma e sem emoção como sempre.

Seus olhos, por outro lado... há uma

tempestade atrás daqueles olhos que rivaliza com a mais forte ventania.

Minha garganta está muito apertada para falar. Eu consigo consentir com a cabeça, quase imperceptivelmente, enquanto faço de tudo para evitar encarar seu olhar.

“Por quê?”, ele pergunta. Seus dedos apertam o meu queixo. “Não minta desta vez, Lilly.”

“S-s-seu escritório”, eu falo com a voz amedrontada. Eu dou uma olhada em

volta da sala. “Estou no seu escritório.”

Stonehart faz um sinal com a cabeça. Um sorriso desbotado invade seus lábios. É quase um sorriso de escárnio. “E você sabe que não está autorizada a entrar no meu escritório, não sabe?”

Fecho os meus olhos enquanto uma pequena lágrima escorre pelo rosto. É a comprovação do meu pior medo.

“Sim”, eu suspiro.

Stonehart me deixa ir. Eu me preparo para o tapa que se aproxima, mas ele não vem.

Ao invés disso, sinto que ficou só na impressão.

Eu abro um olho bem devagar. Stonehart está de costas para mim. Suas mãos estão entrelaçadas. Ele está olhando para as telas.

“Você sabia da regra sobre entrar no meu escritório”, ele diz, “e mesmo assim, você está aqui”. Ele fala sem

olhar para mim. “Por favor, Lilly, me ajude a me conciliar com essa disparidade.”

Abro o outro olho. Ainda estou tremendo. Sinto como se estivesse de pé no meio de um lago gelado, do lado em que o gelo está mais fino. Um movimento errado, uma palavra inapropriada, e tudo irá por água abaixo.

“Não consigo”, eu sussurro.

Desta vez, Stonehart definitivamente zomba “Você não consegue”, ele repete.

“Nesse caso, você tem todo o direito de se sentir amedrontada, não tem?” Ele se vira. Seus olhos cruéis brilham no escuro. “Desde que você desobedeceu minhas regras.”

Tento engolir o choro que parou na minha garganta. Estou fodida. Minha reação instintiva, tipo ou lute ou deixe a situação, definitivamente foi errática. Não posso lutar nem deixar a situação. Estou completamente presa a essa situação, incapaz de qualquer ação.

Me lembro das palavras de Stonehart, me avisando do que aconteceria se eu quebrasse as regras.

Deixarei você no escuro.

Não consigo—eu *não consigo* ir lá novamente. *Não consigo* passar mais tempo acorrentada à coluna com uma correia invisível. *Não consigo* ver a escuridão opressora pela segunda vez. Não consigo. Eu simplesmente não consigo!

“É claro”, Stonehart pontua, virando

sobre os saltos dos sapatos e me olhando com um ar vitorioso: “Há uma outra possibilidade.”

Eu logo olho para ele, não me atrevendo a falar.

“E essa possibilidade, Lilly, é esta”. Ele caminha até mim. Eu mantenho meus olhos fechados. Ele se inclina, puxa meu cabelo para trás e sussurra no meu ouvido: “Este não é o meu escritório.”

Uma grande onda de alívio me

invade. Ela rompe o meu medo tenso, me dando suporte. Eu caio na cadeira.

Stonehart vira e começa a caminhar em frente às telas. “De toda forma”, ele continua, “seu comportamento culposos me diz que você estava me traindo pelas costas e quebrou minhas regras quando você pensou que eu não estava presente.”

“Eu—não, Jeremy, eu não iria—”, eu gaguejo.

“Quieta!”, ele explode. “Não quero

ouvir suas queixas. O fato é: você sabia que estava proibida de entrar no meu escritório, encontrei você aqui de qualquer maneira, e *pensou* que aqui era o meu escritório”. Ele olha para mim. “Isso é quase tão ruim como a coisa real.”

Sacudo a cabeça, mas as palavras não saem.

“A questão é”, ele prossegue. “O que vou fazer com você? Eu me mantive fiel à minha palavra e lhe dei acesso ao

.... O que eu ganho em troca? *Você* aqui no único lugar que você sabia que eu a tinha proibido de entrar!”

“Jeremy, por favor”, eu começo.

“Eu não—eu estive aqui há um segundo. Eu não pensei... Eu não sabia...”

“Que eu voltaria para encontrar você aqui?”, ele caminha em volta.

“Não. Eu posso ver que você não esperaria por isso. Você acha que é muito esperta, não acha? Bisbilhotando em volta enquanto eu estou fora?”

“Não, eu juro. Eu não faria algo assim...”

Stonehart interrompe minha reclamação com um gesto duro. “Eu acho”, ele diz compassadamente, “que é hora de eu lhe contar uma pequena história, Lilly.”

Eu caminho de volta para a cadeira. Ele caminha na minha frente e se senta sobre a mesa. Ele cruza as pernas e bate na mesa com os dedos. “Por onde começar, por onde começar?”, ele diz

com ar distante.

Eu o assisto com precaução,
nervosa com a real possibilidade de
uma reação imprevisível.

Ele abre os braços e sorri de
repente. “Eu sei!”, ele diz, de um jeito
quase jocoso. “Por que eu não começo
do *começo*?”

Posso ouvir o sangue pulsar nos
meus ouvidos enquanto ele olha para
mim, procurando por uma resposta.

“Ok”, eu respondo humildemente.

“Do começo”, ele repete. “Bem, é assim que a história começa, Lilly. Uma vez, vários anos atrás, havia um jovem garoto. Ele teve outros dois irmãos e um pai poderoso. Ele era inteligente, perspicaz e ambicioso. Mas ele tinha um grave defeito”. Os olhos de Stonehart brilhavam para mim. “Você gostaria de arriscar de que defeito se tratava?”

Balanco a cabeça em resposta. “Eu- eu não sei.”

“Ele era o *caçula*”, Stonehart diz.

Sua voz é suave e cheia de ódio. “Como o garoto cresceu, era deixado de lado uma vez e outra vez em favor dos irmãos. Irmãos que eram mais devagar, mais estúpidos e menos talentosos do que ele. Mas isso não fez diferença para o pai dele.”

Stonehart para de falar, esperando a minha resposta. Como eu não digo nada, ele continua. “O ódio do menino se inflamou. Apenas a mãe dele o via como uma pessoa real. O garoto cresceu e se

tornou um homem. Mas, mesmo assim, seu pai só cuidava dos dois irmãos para que seguissem o legado da família.”

A voz de Stonehart se torna sombria. “Você sabe o que aconteceu no final?”

Eu engulo a saliva e balanço a cabeça suavemente. “O quê?”

“O pequeno garoto cresceu acima de tudo e esmagou quem duvidou dele”. Os antebraços de Stonehart se dobram enquanto ele estala dos dedos. “Ele

aprendeu o prazer da dominação. Mais do que isso. Da *vingança*”. Ele destaca a palavra vingança.

Um silêncio pesado caiu sobre nós. Posso sentir os olhos de Stonehart me perfurando. Ele está esperando pela minha resposta.

“O que aconteceu depois?”, eu me arrisco, delicadamente.

“O dia mais importante da vida daquele garoto”, Stonehart diz. “Anos mais tarde, ele encontrou o pai na justiça

para fechar uma disputa litigiosa da sua companhia. O garoto mudou de nome. Seu pai não tinha a mínima ideia de quem estava por trás daquilo. E quando pai e filho se encontraram... bem, o triunfo que o garoto sentiu valeu a pena por todo o esforço de sua vida.”

“Por que você está me dizendo isso?”, eu sussurro.

“Não é óbvio?”, Stonehart me pergunta. “É um aviso, Lilly”. Você acha que não sei o que está fazendo? Você

pensa que não consigo supor o que você estava procurando aqui? Eu lhe disse que o garoto cresceu afeito à vingança. Bem...”, ele empurra a mesa e se dirige a mim: “...Traços que estão refletidos em uma pessoa são facilmente reconhecíveis em outras.”

Ele sabe, uma vozinha sussurra no fundo da minha mente. Ele sabe que eu tenho a intenção de enganá-lo. Ele sabe que eu quero lutar.

Eu ignoro um arrepio

desconfortável.

“Agora”. Ele se afasta de mim e se inclina sobre a mesa. “Vamos ver por que você está aqui, que tal?” Sua voz possui um tom perigoso.

“Jeremy, não”, eu protesto ... “Nós não devemos fazer isso...” Ele me ignora e começa a digitar no teclado.

Algumas das telas se acendem, o que parece ser um programa de vigilância. Stonehart move o mouse até o calendário e clica uma data no começo

de outubro. “Agora, que tal isso, hummmm?”

Minhas vísceras se reviram de ansiedade quando me vejo deitado no piso ao lado da coluna. A tela é verde a partir da visão noturna da câmera.

Stonehart olha para trás para mim sobre os ombros. “Seu primeiro dia”, ele me diz.

Ele avança a fita até que eu comece a me mover. Meu estômago começa a se contorcer, desconfortavelmente.

“Jeremy, por favor”, eu imploro.

“Não tenho que assistir—”

“Oh, mas nós temos que”, ele interrompe. “Sim, definitivamente, nós temos que. Ah!”. Ele para de correr a fita. Minha parte favorita.”

Eu assisto, horrorizada, e vejo a versão televisiva de mim mesma, tentando sair do meu limite da coleira. Vejo a mim mesma parar alguns passos fora do limite. Recuo na vida real quando me lembro do forte barulho sob

meu ouvido esquerdo. A Lilly na tela está tensa, então, depois de alguns segundos, começa a caminhar adiante novamente.

Eu quase grito para que a Lilly do video pare. Pavor se forma dentro de mim enquanto vejo a mim mesma dar passos cuidadosos em direção à cortina. Vou levar um choque... Vou levar um choque...

Stonehart para a fita justo quando minha coleira está prestes a me lançar

no chão em movimentos bruscos. Ele olha para mim.

“Você se lembra do que acontece depois?”

Inconscientemente, eu toco a coleira que está tão apertada em volta do meu pescoço. “Jeremy, por favor...”

“É por isso que você está aqui”, ele diz. “É por isso que você veio para esta sala, não foi? Agora veja.”

Ele aperta o *play*. Vejo a mim mesma cair para o lado e vejo começar

a surra no chão. O video me faz reviver todas as sensações horríveis. Não há som, mas eu posso me lembrar do patético e estridente grito que dei antes de desmaiar.

Stonehart está olhando fixamente para mim. Eu quero arrancar os olhos da tela, mas não consigo. Eu sei que ele não ficaria contente.

Minhas unhas entram na palma das minhas mãos enquanto assisto ao filme horrível. Meu coração está batendo

como se eu esperasse que a coleira me desse um choque a qualquer momento.

Finalmente, a Lilly no video fica enfraquecida. Eu tiro os olhos da tela.

“Você gostou disso?”, Stonehart pergunta. “Eu tenho a coleção completa, você sabe. Vamos ver... em que mais você estaria interessada? Oh”, as sobrancelhas se levantam. “Eu sei.”

Ele volta a atenção para o software de vigilância e começa a procurar por outra data. É uma marcada como 18 de

novembro de 2013.

Os monitores mostram eu e ele na varanda. Estamos sentados na mesa, jantando.

Eu sei o que virá depois.

Não consigo assistir. Não consigo assisti-lo me estuprar no topo da mesa. É muito rápido. A lembrança daquela noite ainda está muito fresca no meu cérebro.

Preciso sair daqui.

Me levanto. Stonehart se dá conta.

“Sente-se, Lilly”, ele esbraveja.

“Ou você enfrentará consequências piores do que um pequeno video divertido.”

Meus olhos se voltam para a saída da porta. Meu peito está pesando. Nunca pensei que eu sentiria vontade de voltar à varanda. Mas agora, é tudo o que desejo.

“Eu disse, sente-se!”, Stonehart grita.

Eu lanço um último, desesperado olhar para a saída da porta... Preciso sair daqui. Mas, quanto mais eu permanecer de pé, pior se tornará a raiva de Stonehart.

Vencida, eu me sento, desajeitadamente, no assento.

Ele sorri. “Bom. Agora, assista.”

Meu corpo inteiro está tremendo enquanto assisto ao video que volta a correr.

“Espere”, Stonehart acrescenta

maliciosamente. “Me esqueci de pôr o *som*.”

Ele toca o teclado e, de repente, nossas vozes invadem o ambiente:

‘Como foi o seu dia?’, Stonehart pergunta no video. Há uma pausa em que não respondo e ele, então, diz: *“Você parece surpresa. Lilly, faz parte das boas maneiras responder a uma pergunta educada ao jantar.”*

“Foi bom”, eu digo de maneira atabalhoada. *“Como foi o seu?”*

A expressão de Stonehart muda para algo sombrio. ‘Tenho que lembrar você das nossas regras?’

Eu me encolho, enquanto a conversa roda no vídeo. Minha cabeça começa a latejar. Apreensão cresce dentro de mim.

‘...Claro que estou certo’, Stonehart diz. ‘Você estaria altamente pressionada a encontrar situações em que eu não estou...’

Meu ritmo cardíaco vai às alturas.

Minha respiração se torna rápida e mais rápida. Stonehart Vida-Real está me assistindo, tendo certeza de que mantém minha atenção na tela.

‘Jeremy?’ Minha voz treme um pouco. ‘Posso lhe fazer uma pergunta?’

Ele pega o copo de vinho sobre a mesa e o examina com atenção. ‘Você se lembra das regras?’

‘Sim.’

As palmas da minha mão ficam frias e úmidas. Me sinto aprisionada, com o olhos de Stonehart sobre mim. Olhos cruéis. Olhos monstruosos.

Ele sabe o que está fazendo. Ele sabe como é difícil assistir a isso. E ele está se divertindo com o meu mal-estar.

‘...Diga-me o que você precisa.’

‘Preciso... de ar!’

Assisto, enquanto Stonehart enlaça seu braço na cintura de Lilly e começa a guiá-la para fora. Ele parece tão

preocupado, e por isso tão compassivo...

‘...Minha doce Lilly, o momento em que eu alterar o limite, você será a primeira a saber...’

“Por favor”, eu imploro. Não suporto assistir. “Por favor, Jeremy, desligue isso.”

“Desligar?”, ele franze a testa.
“Mas é a minha parte favorita.”

Ele aumenta o volume.

Ouço a mim mesma gritando. Eu vejo quando vou até a mesa e jogo a garrafa de vinho na cabeça dele. Vejo o brilho de raiva no rosto dele logo antes de ele me agarrar.

Eu quase posso sentir suas mãos sobre mim novamente. Estou tremendo. Os sons da luta na tela invadem os meus ouvidos. Ele está agarrando o meu cabelo. Estou lutando contra ele.

Não posso acreditar que estou sendo forçada a viver isso novamente.

Eu suspiro na tela e na vida real enquanto vejo Stonehart rasgar o meu vestido, deixando-o aberto. Eu me sinto tonta e ligeiramente fraca. Posso ver os olhos de Stonehart cravados em mim, observando minha reação. Posso vê-lo na tela, Tateando, me tocando, me dominando com sua poderosa masculinidade, e...

Isso é demais. Não consigo viver aquele momento outra vez. Minha respiração é quase tão rápida quanto a

batida do meu coração. Estou dando pequenos suspiros. Estou vagamente consciente de que eles não levam oxigênio suficiente para o meu cérebro.

Meus olhos giram até o alto da minha cabeça, minha cabeça cai para o lado e desmaio.

Capítulo

Quinze

Estou tendo o mais maravilhoso sonho. Estou de volta a Yale, rodeada pelos meus amigos. Nós estamos fazendo piquenique na grama. O sol do final da primavera nos aquece.

Fey está tomando sol com os olhos fechados. Estou deitada de bruços, fingindo que leio um livro enquanto olho

furtivamente para Robin e seus amigos jogando Frisbee para frente e para trás.

A deslumbrante arquitetura gótica ao meu redor se reflete no sol. Fecho os olhos e respiro fundo, sabendo que nada pode me fazer mal aqui...

De repente, estou caindo na grama. Abro a boca para gritar, mas o sopro forte de ar encobre qualquer barulho.

Eu aterriso numa caixa apertada. Eu subo nela, mas, quanto mais eu tento, mais a tampa desliza e fecha. Com isso,

todo o calor do meu corpo vai embora.
Estou presa num cubo de gelo.

Não consigo ver nada. Eu as olho de
perto só para descobrir que não consigo
mexer as minhas mãos. Elas estão
grudadas no meu corpo por cordas
grossas e pesadas.

Demoro um segundo para me dar
conta de que não estou presa por cordas.
É o corpo de uma jibóia enorme que me
prende.

Um grito se forma na minha

garganta. Antes de o grito sair, alguma coisa aperta em volta da garganta.

Começo a levar um choque. É outra, uma serpente menor, se enroscando na minha traquéia. É preta, quase como uma enguia, com olhos vermelhos e diabólicos...embora eu sabia que, no escuro, não sei dizer.

A coisa aperta e aperta em volta da garganta. Não consigo respirar. Estou me sufocando. Estou morrendo. Eu estou

Retomo a consciência com um suspiro. Meu coração está disparado e minha camiseta está empapada de suor. Está escuro.

Olho ao redor, descontroladamente, e vejo que estou de volta à varanda, em uma cama familiar. A pesada catravés da parede de vidro está puxada, mas é noite lá fora.

Leva um tempo para eu ver que não estou sozinha no quarto. Sentado na

cadeira de Rose, com os olhos em mim, está Stonehart.

“Então”, ele diz. “Finalmente, você acordou. Estive esperando para lhe mostrar algo.”

Ele põe a mão no bolso. Tira o celular. Toca a tela com um dos dedos.

Antes que eu possa piscar, aquele anel de luz vermelha vem correndo na minha direção. A luz sai dos arredores da casa. Sussurro e recuo. A coisa para em um círculo estreito em volta da

cama. Pulsando. Ameaçando.

“Quero que você saiba, Lilly, cuidadosamente, Lilly, como você me desagradou”, Stonehart levanta-se. “Eu não sairia da cama, se eu fosse você.”

Após dizer isso, ele sai da sala, de costas para mim e com a cabeça erguida.

E sou deixada esquecida, mais uma vez.

Fim

Não quer perder o lançamento dos próximos títulos da série? Inscreva-se na minha **lista de e-mails** (<http://eepurl.com/z-Lgv>) e seja a primeira pessoa a conhecer os meus novos livros.

Clique aqui para se inscrever na minha lista de e-mails (<http://eepurl.com/z-Lgv>)

Lista de E-mails de Novos Lançamentos:

[Clique aqui para se inscrever na minha lista de e-mails e não perca os meus próximos livros.](#)

<http://eepurl.com/z-Lgv>